



EDISE

Ⓞ Espadachim do Sertão

OS SEGREDOS
DE OURICURI

SUÊNIO WALTERBERG

O ESPADACHIM DO SERTÃO
os Segredos de Ouricuri



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro

Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

SUÊNIO WALTTEMBERG
Organizador

O ESPADACHIM DO SERTÃO os Segredos de Ouricuri

 **EDISE**

Aracaju | 2021

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação.

A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código penal.

Organizador:

Suênio Walttemberg Gonçalves e Silva

sueniowgs@hotmail.com

Tratamento de imagem:

Lúcia Andrade

Diagramação:

Adilma Menezes

Capa:

Amanda Pinto Dantas de Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

0 Espadachim do sertão [livro eletrônico] : os segredos de Ouricuri / Suênio Walttemberg, organizador. -- Aracaju, SE : Segrase, 2021. PDF

ISBN 978-65-86004-43-4

1. Contos brasileiros I. Walttemberg, Suênio.

21-76373

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro · 49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

DOIS AUTORES E UMA APRESENTAÇÃO

Suênio Walttemberg Gonçalves e Silva nasceu em Aracaju, Sergipe, em 19 de maio 1993, filho de Sérgio Walttemberg Souza e Silva e Maria Soenilde Gonçalves da Silva. Desde tenra idade residiu com os seus pais no município de Porto da Folha, Sergipe. Foi com eles que aprendeu as primeiras letras. Realizou o Curso Fundamental nos colégios Balão Mágico e 11 de Novembro, ambos na cidade de Porto da Folha. Mudou-se para Aracaju onde cursou o Ensino Médio no Colégio Amadeus. Graduado em Direito pela Universidade Tiradentes, Pós-graduado em Direito Tributário na mesma instituição de ensino superior. Iniciou a sua vida profissional exercendo o cargo de Assessor de Magistrado, vinculado ao Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, nas Comarcas de Poço Redondo, Itabaianinha, Malhador e Moita Bonita. Ministrou aulas de Direito Tributário no curso de Pós-graduação da UNIT e funcionou como Procurador do Município de Arauá. Atuou também como advogado e consultor tributário. Atualmente, é Controlador Geral do município de São Cristóvão/SE, atividade que cumula com a de escritor literário. Publicou *Ensaios de Direito Administrativo* (2013), *Do Aqueronte ao Norte* (2018); é um dos editores e organizadores dos livros *Sob o sol do Sodalício* (2018) e *Letras em movimento* (2019); e membro do Movimento Cultu-

ral Antônio Garcia Filho da Academia Sergipana de Letras, onde ocupa a Cadeira nº 27, que tem como patrono o Imortal Seixas Dória. Walttemberg, inspirado na vida e na obra de Manoel Dias de Pinna, debruçou-se sobre o gênero textual do conto para compor a trama de *O espadachim do sertão: Os segredos de Ouricuri*, que ora se apresenta.

Manoel Pinna de Assis, um aventureiro originário da aristocracia urbana de Maruim, em sua obra intitulada *Fácilimo Methodo, Theorico e Pratico do Verdadeiro Jogo da Espada: ensinado em poucas licçoens, pelo professor Manoel Dias de Pinna* apresenta-se, simultaneamente, como teórico e professor. A mencionada obra foi publicada no Maranhão, em 1842, pela Typographya Monarchica.



Para a criação do mencionado conto, Suênio Walttemberg, além de ser fiel aos ensinamentos teóricos e práticos de Pinna, obedeceu a uma ordem estética, primando pela coerência e o meticuloso tratamento da tensão e do suspense que se resolvem no desfecho de sua narrativa. As regras da arte de contar histórias são estudadas desde a primeira metade do século XIX, quando o escritor Edgar Allan Poe estabeleceu algumas normas para se escrever o conto literário. Segundo Poe, essa condição origina o que se chama de “conto de acontecimentos”, que apresenta um mote, uma ação, um desenvolvimento, uma tensão, um clímax e um desfecho. Nesse gênero são relatados acontecimentos possíveis de explicação racional, mas que se mostram “incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam na personagem e no leitor reação semelhante àquela que os textos fantásticos nos tornaram familiar”¹.

Ao longo da tessitura do conto, o autor conduz o leitor a episódios fictícios e românticos desenrolados no espaço do município sergipano de Porto da Folha, durante o período da Semana Santa do ano de 1836, iniciando-se no Domingo de Ramos (27/03/1836) e terminando na Páscoa (03/04/1836), numa alusão ao próprio renascimento vivido pelo personagem principal. O contista mostra episódios reais, mesclados com figuras de um passado remoto. Logo no início do conto, o ilustra com um verso

1 TODOROV, Tzvetan (1992). **Introdução à literatura fantástica**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva (p. 53).

do poema do Hino de Porto da Folha: “entre serras de Ser-gipe existem terras, de um chão bravo...”, composto pelo confrade Antônio Carlos Du Aracaju, pertencente ao Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, da Academia Ser-gipana de Letras.

A arte da esgrima está presente em todas as fases da produção literária em foco, envolvendo as figuras do espadachim, de aristocratas urbanos e rurais, de canga-ceiros e lendários índios que ocuparam o Baixo São Fran-cisco, desde Porto Real do Colégio, na margem alagoana do Rio dos Currais, até a Ilha São Pedro, onde parte dos Kariri-Xokós estabeleceu assentamento.

Cada personagem é identificado e caracterizado ao longo do conto. Kaluanã, ou “grande guerreiro”, é como o pajé Xokó chama Manoel; o Espadachim, principal per-sonagem da trama novelesca *O espadachim do sertão: os segredos de Ouricuri*. No conto, é feita uma referência ao grupo fictício “Herdeiros de Liberi”, que teria treinado o Espadachim, numa alusão a Fiori dei Liberi, um famoso diplomata e mestre de armas do século XIV, a quem é atribuído o primeiro manual de esgrima da história. Já Dom Bermudes é um personagem fictício, criado pelo autor, como descendente de Tomás de Bermudes, este que de fato existiu e foi colonizador daquelas terras no Século XVII. Há, também, outra personalidade da mesma estirpe, o Barão, que fustiga a curiosidade do leitor. Outro personagem ficcional é o cangaceiro “Baiano de Chorochó”, inspirado em José Aleixo Ribeiro da Silva, o

Zé Baiano, cuja naturalidade é atribuída ao município de Chorrochó, na Bahia. Frei Avelino é a personalidade de Angelino Feitosa, o representante da Igreja no episódio contista. A ele, inclusive, é atribuída a criação da Festa do Vaqueiro, em Porto da Folha. Frei Angelino foi divulgador da chamada “meditação cristã”, referenciada no conto. Em diálogo entre o Espadachim e Frei Avelino, este dá o conselho: “vá ao encontro de você”.

Lenda, mistério e misticismo convivem com ritos da Igreja e o tradicionalismo das relações sociais. Um exemplo dessa assertiva é o Ritual do Ouricuri, até hoje praticado pelo povo Xokó, nas suas duas versões: uma para exibição ao público e outra que permanece secreta. No mote da ritualística dos xocós estão Guaraci, Picê e Açuti, deuses da cultura tupi, sendo que Guaraci é o filho de Tupã; Picê, a deusa da poesia, e Açuti, a deusa da escrita.

O autor valorizou todo o enredo até alcançar o clímax e o desfecho da história, surpreendendo o leitor, com um evento inesperado, motivos entre tantos pelos quais recomendo a sua leitura.

Aracaju, 27 de fevereiro de 2020.

JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO

Presidente da Academia Sergipana de Letras.

SUMÁRIO

DOIS AUTORES E
UMA APRESENTAÇÃO

5

SOBRE O CONTO

O espadachim do sertão –
os Segredos de Ouricuri

13

O espadachim do sertão –
os Segredos de Ouricuri

18

TRANSCRIÇÃO DO LIVRO:

Facilimo methodo, theorico e pratico do verdadeiro
jogo da espada: ensinado em poucas licçoens,
pelo professor Manoel Dias de Pinna

49

SOBRE O CONTO

O ESPADACHIM DO SERTÃO – OS SEGREDOS DE OURICURI

Além do conhecimento theorico e prático nesta arte, qualidades ainda são necessárias para que alguém seja n'ella perfeito: coragem, força e destreza.

Embora eu possua um sincero apreço pelas obras de literatura fantástica – dedicando horas tanto aos clássicos britânicos de J.R.R. Tolkien quanto aos mistérios sergipanos que envolvem *A Morte de Dulcídio Lombardi* (Jane Nascimento, 2015), nunca havia pensado em escrever histórias sobre um espadachim, arquétipo do herói de fantasia, que permeia a cultura ocidental desde as crônicas arturianas. Isso mudou quando, na confraternização da Academia Sergipana de Letras do ano de 2018, mais precisamente no dia 21 de dezembro, o acadêmico Carlos Pinna de Assis me abordou, comentando a respeito da minha procedência litorâneo-sertaneja.

A propósito, vale destacar como as abordagens do Acadêmico para com os colegas sempre foram muito características, porquanto se constituem de duas fases muito bem determináveis: Num primeiro momento, com uma compostura que inspira profunda retidão

cavalheirística, demonstra surpresa pela sua presença, manejando os ombros para trás e lançando, animado, a mais antiga das interjeições: “oh!”. Depois, expõe concentrando algum comentário a respeito de novidade histórica, memorialística ou literária, com a qual o interlocutor não consegue saciar a curiosidade até que ouça toda a eloquente narrativa do Conselheiro.

Naquela oportunidade, como comecei a dizer, o discurso se voltara inicialmente para minha origem *buraqueira* (portofolhense, para os desavisados) e sobre como, na pesquisa a respeito da vida e obra de um antepassado, descobriu que este, apesar de nascido em Maruim, tinha também vivido naquelas terras sertanejas, exercendo a peculiar atividade de professor de esgrima, e que, depois dali, havia feito residência também em São Luís do Maranhão, onde havia se envolvido com a literatura e publicado um livro a respeito do jogo da espada.

Ora, imagine qual não foi minha reação ao tentar discernir a personalidade de um sujeito que, nascido no Baixo Cotinguiba, parte para o então morgado de Porto da Folha e lá chegando passa a dar aulas de manejo de espada, certamente para o filho de algum magnata do algodão e da pecuária leiteira no cume da “Ilha” de São Pedro, à beira do São Francisco e à vista do povo Xokó.

E mais, tente supor o porquê de, provavelmente na década de 40 do século XIX, o mesmo professor partir para o município de São Luís, no estado do Maranhão, o que significa, na prática, uma viagem, por terra, cuja rota mais próxima supera 1500 km de sertão, caatinga e cangaço.

A impressão é a de que o acadêmico Carlos Pinna já supunha que, a partir daquela conversa, nasceria uma fagulha que fatalmente se transmutaria no interesse em aprofundar-se no assunto e, desde então, este interesse não cessou, até que, com algum esforço, descobri que a Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, mantinha nas dependências de sua biblioteca (virtual, inclusive) uma edição do *Facilimo Methodo, Theorico e Practico do verdadeiro jogo da espada: ensinado em poucas liçoens pelo professor Manoel Dias de Pinna*, publicado em 1842.

Com uma cópia em mãos, apresentei o peculiar manual ao acadêmico José Anderson Nascimento que me estimulou a elaborar algum escrito que contemplasse aquele documento, acrescentando feitos do seu autor e, assim, fosse celebrada a vida de Manoel Dias de Pinna, 178 (cento e setenta e oito) anos após a publicação de suas lições.

Assim, o processo de pesquisa a respeito do espadachim do sertão se iniciou em longas conversas com ambos os acadêmicos, à época compenetrados em seus próprios projetos literários, de caráter igualmente memorialista, o que serviu para ajustar o tom do breve conto que se segue para uma ambientação imperial, para uma época em que a defesa da honra se media pelo fio da espada, para onde o espírito aventureiro, na verdade, não era algo tão incomum. Há, no entanto, poucos registros históricos a respeito da vida de Manoel Dias de Pinna, de modo que os obtidos o foram através de relatos da família, ou de menções havidas nas biografias de parentes.

Dessa forma, no breve conto a seguir, fatos e personagens históricos contemporâneos ao espadachim são inseridos aos seus elementos biográficos, a fim de povoar a narrativa e imaginar situações possíveis, mas que não necessariamente aconteceram. É dizer: existem tanto elementos históricos quanto criações livres, assim como deduções razoáveis, feitas a partir das fontes disponíveis. Apenas a título de exemplo, o leitor pode observar que, em seu livro, Manoel Dias de Pinna expõe cada um dos estilos de manejo da espada para, após, explorar um a um os movimentos, com peculiar detalhamento de quadrantes e ângulos, trazer resposta para cada hipótese de ataque ou defesa dos contendores. Manoel Dias não faz elucubrações narrativas ou ponderações de qualquer natureza que não a da técnica que pretende expor, sempre se referindo ao leito como “Senhor Discípulo”, ao usar pela primeira vez a designação de tratamento e, a partir de então, utiliza apenas “S.D.”. É possível supor com certa precisão, portanto, que o espadachim era um sujeito extremamente metódico, que levava sua arte muito a sério, possuía uma postura objetiva e pouco humorada. Assim, tais elementos são incorporados à narrativa, aos diálogos e às decisões do personagem.

Um segundo exemplo, na versão do *Facilimo methodo* a que se obteve acesso há uma série de inscrições feitas à mão, atribuíveis ao autor, contendo considerações e lições, em uma delas é possível ler que “*além do conhecimento theorico e prático nesta arte, qualidades ainda são*

necessárias para que alguém seja n'ella perfeito: coragem, força e destreza". É de se supor que o autor, mestre naquela arte, detinha tais características, ou, ao menos, acreditava possuí-las.

Pretende-se, assim, em torno de um Sergipe romântico e imperial, levar ao leitor uma narrativa breve, porém crível, de um pequeno recorte de vida de Manoel Dias de Pinna, um sujeito pouco lembrado na história de Sergipe, mas que, como um autêntico filho de sua terra, não mediu esforços para alcançar seus objetivos.

Suênio Waltemberg

O ESPADACHIM DO SERTÃO – OS SEGREDOS DE OURICURI

Entre serras de Sergipe existem terras de um chão bravo, árido, cujo distorcer da vista no horizonte só cede para o desenho e cor da catingueira, pois, quando aflora, esta planta que dá nome ao bioma raiz da cultura nordestina, exhibe pétalas tão áureas que Manoel Dias de Pinna, em sua infância, percebeu que aquela era a mesma cor que tinha a bandeira do Império, custando a acreditar que ela representava, na verdade, a casa dos Habsburgo, só aceitando a derrota quando sua mãe sugeriu que ele mesmo questionasse a Imperatriz Leopoldina a esse respeito.

No meio daquelas terras cercadas de mandacarus, encostado na parede e sob a sombra que fazia a única torre da Igreja de São Pedro, o Espadachim olhava para o horizonte profundamente contraditório: até onde a vista alcançava, as curvas do rio São Francisco pareciam fazer um nó no sertão e, quanto mais longe da margem, o verde dava espaço para galhos secos, rígidos e disformes. Ele se perguntava se, naquele ano de seca, ainda teria chance de ver a cor que uma vez confundiu sua imaginação infantil.

Aquela lembrança nostálgica o levou para quando tinha pouco mais de 13 anos, ouvindo seu pai comentar

com os colegas na tabacaria que recebera tristes notícias: o governador Brigadeiro Burlamaqui estava deposto por tropas baianas e, naquele exato momento, sendo escoltado até Salvador.

O Brigadeiro havia sido nomeado governador para fazer cumprir a ordem do Rei Dom João VI que tornava a Capitania de Sergipe d'El-Rey numa Província, mas ele perdeu força política pouco tempo depois que assumiu o cargo e falhou em sua missão. Meses depois, no entanto, a notícia de uma iminente independência do Império do Brasil do Reino de Portugal voltava a animar o comércio local.

Só mais velho Manoel pôde entender a esperança dos negociantes: livre de amarras tributárias e com autonomia financeira, a economia daquela pequena localidade (que ficava entre os rios Sergipe e Ganhamoroba) poderia, de fato, se desenvolver. Foi, efetivamente, o que aconteceu, quando, três anos mais tarde, o Imperador do Brasil (então independente) ratificou aquela ordem, anteriormente dada pelo pai, tornando Sergipe definitivamente emancipado da Bahia. Com a chegada da tão almejada liberdade, toda a província se movimentou para alcançar o prometido desenvolvimento e isso não foi diferente naquele povoado onde nasceu e cresceu o Espadachim (onde sua família havia instalado comércio) e, assim, com o progresso dos negócios, era natural que Manoel crescesse ouvindo louvores a respeito do Imperador Dom Pedro I, a grandiosidade dos seus feitos, sua coragem, altivez e fidelidade à pátria que ajudara a construir.

Quando fez 15 anos, o tio de Manoel, Antônio Dias de Pinna, o presenteou com um quadro do Imperador feito por um renomado pintor da época: Simplício Rodrigues de Sá. O quadro havia sido trazido do Rio de Janeiro com uma lona que o cercava desde a moldura, com a expressão determinação de que ela só poderia ser desatada pelo aniversariante.

A obra destacava a ornamentação imperial com detalhes. As ombreiras e bordados dourados se destacavam do tecido negro que, por sua vez, destoavam das calças de algodão de um branco absoluto. A faixa imperial, que partia do ombro, conduzia o olhar de quem a apreciava para o peito esquerdo, onde se avistava uma sequência volumosa de medalhas e brasões feitos dos mais diversos metais, contendo as mais diversas joias. Mas naquele dia a atenção do jovem Manoel se voltou para um item muito menos trabalhado pelo artista: com o punho esquerdo o Imperador segurava uma espada, parte da lâmina à mostra representava o cuidado com o fio da navalha e, o restante, repousava no interior da bainha dourada, atada à cintura do seu dono Real por uma pequena corrente.

Foi o suficiente para ele, a partir dali acordar, dormir e sonhar pensando naquele item especial. Perguntava aos adultos sobre seu peso, como e do que era feita a espada, quem a havia inventado, como a usar e se na Europa existiam outras de diferentes formatos.

Certa vez, só pôde ser liberado do colégio com a presença dos seus pais, que foram urgentemente chama-

das ao recinto, pois o jovem estaria instigando os colegas a usarem os ramos das árvores do entorno tal como se armas fossem, numa espécie de pique-esconde complexo, com variações segundo a qualidade do galho, seu diâmetro e extensão, além de um posicionamento rígido dos membros do seu esquadrão mirim, tudo com o objetivo de avançar suas tropas da diretoria até a cantina.

Ao som de um cabeça-vermelha que resolveu pou-sar no sino enferrujado da igreja, o Espadachim resgata-va a memória da sua jornada até ali, sua infância parecia ter ocorrido em um tempo muito distante. Seu devaneio o levou, finalmente, para quando, já adolescente, viajou ao Rio de Janeiro para iniciar seu treinamento, o que evocou sua promessa aos *Herdeiros de Liberi*. Aquele sonho lúci-do, entretanto, não durou por muito mais tempo, pois o frade que cuidava do pequeno santuário surgia vagarosa-mente, subindo a ladeira íngreme que levava até ele, dan-do a visão privilegiada do sertão sergipano que Manoel Dias de Pinna tanto apreciava.

A figura do frade era desafiadora para os sentidos, pois, embora muito esguio, não parecia se abalar pela su-bida que enfrentava, senão pela curvatura que fazia na sua coluna impondo o tronco para frente numa tentativa de compensar a gravidade, o que, na verdade, já fazia há alguns anos, qualquer que fosse o declive.

Como a maioria dos vigários, impunha uma expres-são compenetrada, desgastada pelo mormaço que enfren-

tara ante os anos. O capuz, que para os colegas europeus residentes dos mosteiros servia para auxiliar a prática da meditação cristã no Rosário, ajudava, ali, a bloquear o sol, que sempre estava a pino, o que destacava, por derreadeiro, aquela figura austera e alheia ao calor do sertão, surgindo por detrás do cruzeiro da igreja, em meio aos galhos densos de grande catingueira que ficava ao lado. Em uma das mãos trazia um punhado de ramos de palmeira, uma pequena parte dos que seriam utilizados naquele domingo. Na outra, ironicamente, trazia uma coroa-de-frade, a qual repousou no chão para pegar uma chave de ferro atada à sua cintura.

Muito maior que a mão escanifrada do frade, a chave parecia tão enferrujada quanto o sino da torre. Ele pôs-se a abrir a porta do meio entre disponíveis, enquanto olhava para o Espadachim que, por sua vez, via mesmerizado toda aquela cena:

— Desta vez, o senhor certamente veio se confessar — pontuou o frade.

— Eu tenho a impressão, Frei Avelino, que ainda não acumulei pecados o suficiente desde a última vez — disse Manoel, adentrando ao local e fazendo o sinal da cruz.

— E o que veio fazer, então, além de mentir na frente da Imaculada Conceição? — o desafiou, depositando cuidadosamente a coroa-de-frade rente à imagem.

— Eu vim, frade, porque, desde que cheguei nesta Vila, tomei alguns conselhos valiosos com o senhor e, agora que penso ter chegado a hora da minha partida, venho

para mais um, quiçá derradeiro — respondeu, sentando-se em um banco da igreja, na parte próxima do corredor.

— Estou ouvindo, então — devolveu o frade, mais ameno, respirando fundo e repetindo ação do seu interlocutor, no banco à frente, mantendo-se, no entanto, de costas para ele.

— Diga-me, frade, o senhor que abandonou tudo, de tudo que poderia ter aberto mão, para dedicar-se a uma causa: o que se deve fazer em vida, frade, para que ela seja grande? O que dela deve ser feito para que se seja lembrado muito além?

O franciscano riu suavemente como o Espadachim não apostaria que ele fosse capaz e o som expelido ecoou no pequeno templo. O sacerdote então respondeu, se recuperando do que tinha achado cômico:

— Esta dúvida, Manoel... Tê-la não é um privilégio só seu. — Passando a se concentrar, continuou — há, no entanto, um erro crasso em sua pergunta e aceitá-lo será parte da resposta. Certa vez, um irmão franciscano veio da França para celebrarmos a Páscoa nesse sertão adentro. Quando finalmente chegamos nestas terras, decidimos descansar e fomos recebidos por alguns cristãos. Depois de dias, ele estranhou o quanto esse povo passava o tempo montado, sugerindo que eles deveriam *abandonner* um pouco seus cavalos. Bem, os franceses nunca foram muito bons cavaleiros e aparentemente inventaram uma palavra para quando se deve afrouxar as rédeas e deixar a montaria assumir o controle — respirou profundamente e continuou —, então, eu não afrouxei as rédeas, nem aban-

donei o que era importante. Ao contrário, eu as tomei e decidi por algo maior, e justamente porque o importante, bem, era importante, que esta decisão foi difícil — terminou em silêncio, levantando-se e contemplando o altar.

Frei Avelino girou em direção ao Espadachim para dar continuidade à sua lição, mas a ação foi interrompida, pois começaram a chegar os primeiros fiéis daquela manhã com seus ramos e todos faziam questão de cumprimentar o sacerdote e, ele, de devolver o gesto. Manoel, ao perceber a impossibilidade de continuar a conversa, se preparava para sair do recinto, quando o frade o interrompeu:

— Nós não terminamos, ainda, mas também não continuaremos até que você decida se confessar, mas escute — disse mais apressadamente, enquanto o abordavam com mais vigor —, você quer ser lembrado muito além? Não busque ir de encontro à imortalidade; vá ao encontro de você... E, até lá, sei que você também veio por isto — disse, entregando ao Espadachim um tubo de tinta —, essas cartas que você pede para que eu poste, seus remetentes peculiares sempre as respondem, talvez você tenha tanto talento com a ponta da pena, quanto tem com a ponta da rapieira — encerrou o frade.

Desde que havia deixado sua casa, o Espadachim tinha adotado uma postura discreta, a fim de não chamar a atenção dos desafetos que havia deixado para trás. Por isso, sempre que queria enviar uma carta em seu próprio nome, pedia o auxílio de Frei Avelino, que tinha uma rotina periódica de pregação em várias vilas e muitas vezes

visitava Recife, de onde conseguia postar suas epístolas para qualquer lugar do Império.

Por mais que tivesse apressado *Sir Galahad* (seu companheiro fiel, híbrido de um jumento com uma égua puro sangue lusitano), a lua crescente era visível no horizonte e, quando chegou em casa, já era necessário acender o candeeiro, o que fez dispendo-o em sua mesa de trabalho, junto à tinta que recebera de presente. Retirou as luvas, selecionou o pergaminho mais bem trabalhado, dispôs o alimentador no frasco até que o corpo de sua caneta estivesse cheio e, quando o ambiente ficou tomado do cheiro inebriante do querosene, pôs-se a escrever uma carta:



Vila de Nossa Senhora do Porto da Folha, 27 de março de 1836

Monsieur Jean-Baptiste Debret,

*Escrevo reportando-me inicialmente à última epístola enviada pelo caro mestre, em que descreve proficuamente os objetivos da vossa Missão Artística Francesa no Brasil e a importância da instalação de uma Academia Imperial de Belas Artes nesta terra. Devo dizer que estou ansioso para adquirir um exemplar do novel *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, mencionado por V.S.^a, certo de que deve ser tão magnífico e de tamanha galhardia quanto tudo que produziu até então.*

Sinto-me, agora, na obrigação já assumida anteriormente de, como fizera o amigo, expor um pouco sobre o que é o verdadeiro jogo da espada e seus valores para esta era, mas, com certo atrevimento, devo argumentar algo que, se não expusesse, meu pensamento seria maculado com o pecado de, tendo a oportunidade de fazê-lo com a atenção de um notável, me acovardar, o que, garanto-lhe, não é uma característica que acompanha meu sabre.

É que, se nesta terra veio cumprir uma missão, tenho a impressão que ela não estará completa até que vislumbre com seus próprios olhos o encanto cotidiano e natural da Província de Sergipe, em especial deste sertão de onde escrevo, transportando para a tela os valores desta terra que, não se olvide, também é Brésil.

Devo dizer, entretanto, que, até que complete a viagem para esta margem do Rio São Francisco, boa parte da sua temática se esgotará com o fim da escravização que, tenho certeza, não tardará a acontecer. Parece-me que muitos Ministros da Corte apostam no conceito de que isto redundaria no fim do Império, mas a maioria do Imperador certamente o levará à razão, concluindo que é exatamente o contrário: quanto mais cedo se encerre, mais rápido o Império proporcionará alguma espécie de ação que compense os anos desta sandice miserável e poderemos, queira Deus, nos identificarmos todos como uma nação próspera e livre.

Pois bem, sua vinda seria, em verdade, uma oportunidade única de representar como todos (ou uma boa parte de todos) se igualam sob o sol do sertão, ante suas belezas e mazelas, e isto merece

ser retratado pelo olhar de verdadeiro artista. Há mazela na fraqueza das crianças que correm nas estradas, atrás das carroças cheias de grão. Há beleza nos vaqueiros que enfrentam os espinhaços desta flora ante a ordem do patrão, sob o combustível de carne seca e farinha de mandioca.

A propósito, devo ratificar: há uma coincidência divina entre as cores e tons que V.S.^a escolhera para o estandarte nacional e a flor da caesalpinia pyramidalis que não pode ser ignorado pelo artista, e só vendo-a em seu habitat o mestre terá a oportunidade de ter esse vislumbre etéreo. Em todo caso, há uma infinidade de tons violeta na flor do mandacaru que inspirariam as bandeiras de cem nações.

Dito isto, devo voltar ao que me pertine, ao que me faz ir ao encontro de mim mesmo.

Os destinos de grandes nações foram traçados pela medida de sua habilidade na arte de portar uma espada e dela fazer uma verdadeira arma. A esgrima como disciplina do florete, da espada e do sabre é uma criação moderna, mas foram os seus vizinhos germanos que cunharam o nome: skirmjan, significa proteger-se, e proteger-se, é claro, significa proteger sua casa, sua família e sua honra.

Porém, não se engane: desde a primeira vez que o homem acudiu-se de um pedaço de madeira para garantir sua sobrevivência, ali já estava praticando esta arte, de tal modo que, dada nossa natureza, sempre tive a impressão que esta foi, efetivamente, a primeira arte humana.

Desde então, os povos desenvolveram suas culturas de combate e as técnicas com espadas se tornaram uma característica essencial, uma ex-

pressão daquela nação, de tal sorte que, sem nenhum esforço, ao formar a imagem mental de um determinado povo, tenho certeza que a espada a ela estará associada.

Se acaso pedisse para que o monsieur descrevesse um legionário romano, certamente o faria com menção ao seu gládio. Um samurai japonês jamais defenderá seu dáimio sem a presença de sua katana ou de sua wakizashi. O que seria do povo escocês sem Robert de Bruce erguendo sua claymore? Em Poitiers, certamente foram brandidas cimitarras, que só puderam ser paradas pelo hábil exército franco... Estaríamos nós trocando correspondência se não fosse por vosso ancestral Carlos Magno e a lendária Joyeuse?

Apenas há dois séculos o desenvolvimento da técnica migrou das academias militares para as escolas, transformando o conhecimento que era exclusivamente usado para gerar dano em batalha no que se pratica hodiernamente como o jogo de espada. Sabe-se que hoje mais e mais nações estão abolindo a prática do duelo como forma de resolução de conflitos, mas não se engane: para estas bandas, não há nada de errado em não se interessar por esta arte, até que se descubra que seu desafeto nela é perito.

Monsieur Debret, escrevo madrugada adentro e amanhã receberei um discípulo para aula. É um sujeito aplicado que faz questão de anotar boa parte do que ensino e diz que quer dar lições práticas do jogo de espada quando encerrar seu treinamento. Mal sabe ele que este tempo jamais chegará.

Por esta razão, despeço-me dizendo da esperança de que logo possa apreciar as obras do mestre francês que tanto contribuirão para que os filhos desta terra possam saber o que aqui se passava.

Atenciosamente,

Manoel Dias de Pinna

P. S.: Ratifico o convite feito alhures, certo de que não se arrependerá da viagem.



Antes mesmo de amanhecer, Manoel voltou à região em que ficava a Igreja de São Pedro, no ponto de encontro em que havia designado ao seu discípulo. Desde que deixou sua terra natal, o espadachim adotou o costume de chegar muito cedo aos lugares para que pudesse se familiarizar com o ambiente e sempre checar quem o cercava e, na medida do possível, interpretar suas intenções.

Algumas horas se passaram até que o horizonte, já sendo distorcido pelo mormaço, parecia ganhar forma subitamente. O Espadachim se pôs erguido de imediato, pois há muito aprendera que não se deve apresentar-se de guarda baixa na presença de qualquer pessoa, homem ou mulher, criança ou idoso, mas abriu mão da sua postura tradicional com a mão no florete quando surgiu, na verdade, um índio, que trazia consigo uma carta:

— Dom Bermudes pediu que entregasse essa carta ao Senhor. Ele disse que vem do leste da Província e que senhor gostaria de tê-la em mãos logo — disse ofegante, porém ereto, como quem acabara de cavalgar uma longa distância, mas não queria demonstrar cansaço.

— Você sabia, Kariri, que São Pedro e São Francisco, em verdade, nunca estiveram tão próximos? — descobriu Manoel, enquanto tirava lentamente da bainha um punhal curto e abria cuidadosamente o envelope, com um meio sorriso no rosto quase imperceptível.

— Você sabe, mestre, que esses assuntos dos outros me chamam muito pouco a atenção. O meu povo me ensinou a seguir o caminho e o Segredo do Ouricuri — retrucou o índio, olhando para baixo e checando seu florete.

— E o que Dom Bermudes acharia se ouvisse você falando assim? — perguntou Manoel, em tom menos ameno, desviando vagarosamente o olhar repreensivo em direção à carta.

— A propósito, Dom Bermudes também convida o senhor mestre para jantar em sua casa na Páscoa, quando receberá e introduzirá ao senhor um convidado que veio do sul da Província para fazer negócios.

O índio Kariri havia ficado órfão ainda muito jovem, quando sua aldeia, que ficava em terras há quase trinta léguas rio abaixo, foi severamente atacada por capangas de fazendeiros daquela região.

Dom Bermudes que, de passagem, ouviu a história, comoveu-se e resolveu levar a criança para que com ele

morasse, em suas terras mais ao norte. Dom Bermudes era descendente de Tomás de Bermudes, grande latifundiário que, no final do século XVII havia instalado uma fazenda de gado na região, em meio a um terreno falho e pedregoso, o que garantiu que logo ganhasse o nome de Curral do Buraco.

Dos fazendeiros da região, apesar de não deter total apreço, Dom Bermudes era o mais tolerado pelo povo Xokó, muito porque tanto ele quanto seus antepassados, embora todos cristãos católicos e devotos a Nossa Senhora da Conceição, nunca impuseram sua religião como forma de dominação.

Além disso, desde aquela época, cultivavam arroz e algodão na região, a léguas da aldeia principal, negociando o alimento com os índios a baixíssimo preço, muitas vezes mediante escambo, o que fazia parecer que, na verdade, pagavam tributo por semearem na terra que aquele povo, a rigor, tinha como sua.

No entanto, Dom Bermudes também mantinha relações próximas com a *Ordo Fratrum Minorum Capucinatorum*, uma designação da Ordem Franciscana suficientemente importante a ponto de batizarem o rio que margeava aquela terra com o nome de seu fundador. Estes sim detinham a missão catequista e há séculos não eram benquistos pelos nativos que rejeitavam a Boa Nova e mantinham a tradição Xokó, sobretudo porque julgavam que os capuchinhos carregavam boa parte da culpa em eles terem perdido suas terras.

O pequeno índio, quando foi trazido por Bermudes, não havia aprendido boa parte da língua do seu povo e, com o trauma, demorou muito para aprender a falar. Mais crescido, muitas vezes aparecia nos cômodos da casa grande sem que fosse notado, pois se movimentava muito vagarosamente entre os corredores, com receio do que poderia encontrar entre um e outro. Por isto, e porque seus ancestrais também eram conhecidos assim, ganhou o nome de *Kariri*. Embora não fosse segredo que ele matinha contato com o restante do seu povo e também com os Xokós locais, Kariri cresceu tendo lições sobre a civilização, história, línguas e quando o Espadachim apareceu por aquela região e ajudou afastar saqueadores do Curral do Buraco, Dom Bermudes contratou seus serviços para que ensinasse ao índio a arte da esgrima.

Enquanto recebia o convite trazido por seu discípulo, o Espadachim lia a carta que dava notícias da sua terra natal, e fez um gesto com o dedo para que ele esperasse um momento.

Não era comum receber notícias daquela região. Como, há alguns anos, tivera que partir de forma inesperada, poucos sabiam por onde ele andava e sempre que queria se comunicar com alguém da região, o fazia através de pseudônimos, um segredo que compartilhava com Dom Bermudes, o qual, por sua vez, intervinha junto ao responsável pela entrega da correspondência e garantia que ela não fosse interceptada ou questionada.

Agora, a notícia de como a região havia crescido e o comércio florescido o deixou nostálgico e, por um momento, sentiu uma centelha de esperança de que, talvez, se a liderança do local mudasse, poderia um dia lá retornar.

— Aqui diz, Kariri, que o governador promoveu a terra de onde vim à categoria de Vila, a Vila da Maruim. Isto foi em 19 de fevereiro do ano passado — disse o Espadachim, olhando para cima, com a expressão de quem calcula alguma coisa.

— Isto é ótimo, Senhor! As notícias que recebo da terra de onde vim só contam o contrário — respondeu Kariri, confuso —. Às vezes, penso que quanto mais me afastar do Sul, mais estou longe de mim mesmo.

— Isto não está certo, Kariri — retrucou Manoel, pondo a carta de volta no envelope —. Não há como se afastar de algo que está em você. No fim, estas cartas servem para nos lembrar de algo que já possuímos, e o que você possui, sem que lhe possam retirar, é o que fará de você um bom espadachim. Bem, isto e a repetição incansável do que eu ensinar, então, *en garde!*

O Espadachim sempre dava suas lições enquanto simulava o duelo com o aluno. Embora não se utilizasse de espadas falsas ou de madeira, optava pelo florete como arma para iniciantes, já que sua função é predominantemente perfurante, diminuindo o risco de acidentes com cortes.

Era comum que o professor interrompesse a luta guiada para corrigir a posição do aluno, enquanto a de-

monstrava: “Reto! Pé direito à frente e atravessado, distância de paço natural. Emparelhe o ombro esquerdo com o direito, os encobrendo nas conclusões da espada”.

Transmitia sua técnica de forma detalhada e metódica, abrangendo uma série de ângulos e tempos, além de variadas formas, com cada resposta de ataque, defesa ou contra-ataque para cada ação do oponente.

Porém, naquele dia, seu foco ficou comprometido com aquela carta, que o levou, mais uma vez, para a infância distante, se divertindo com seu melhor amigo, João, dividindo cocada, correndo nas estradas de terra batida e se escondendo da chuva, até que sua mãe o fosse buscar aos berros.

Lembrou quando, pela primeira vez, Maria lhe estendeu a mão, num ato ainda muito juvenil, chamando-o para brincar. A lembrança parecia tão vívida, que Manoel não podia perder a chance de fazê-lo outra vez, e o fazendo jamais poderia ser com rigidez, mas sim com a suavidade de quem pedia perdão por ter ido embora.

Todavia, de súbito, o Espadachim se viu distante daquele delírio nostálgico, pois a leveza com que tinha segurado o florete fez com que um golpe de Kariri fosse defendido apenas parcialmente, perfurando em cheio a palma da sua mão direita. O índio puxou a arma de volta rapidamente e foi acudir o professor que, por ter acabado de recuperar de uma lembrança profunda, sequer tinha processado a dor do ferimento. A primeira reação de Kariri foi dizer que o levaria até Dom Bermudes, mas o Espadachim o impediu:

— Não, Kariri, não deve me levar até o Dom. Ele me aguarda apenas na Páscoa e isso pode atrapalhar seus planos, ser inconveniente — disse, entre pausas de inspirações profundas para aplacar a dor.

— Inconveniente? O senhor está ferido, onde mais poderei encontrar ajuda médica, e ainda que o atenda antes que essa perfuração inflame? — tentou argumentar.

— Você dará um jeito, Kariri, não quero que me vejam assim — disse, antes de desmaiar.

Desde o início do seu treinamento com os *Herdeiros*, Manoel havia sido submetido a diversos testes de resistência à dor e, antes da vista embaraçar como se tivessem jogado grãos de fubá na frente dos seus olhos, estranhou a reação do próprio corpo, e ainda teve tempo de se perguntar por que estava prestes a apagar.

Quando acordou, estava deitado e a visão turva do teto era de uma pilha de galhos de madeira e de taquaras que se agrupavam de forma cônica até o teto. Em sua mão ferida repousava uma pasta amarelo-esverdeada que, ao mesmo tempo em que cheirava a diversas plantas que ele conhecia, quando se concentrava, não era capaz de discernir sequer uma delas individualmente.

Logo, da direção de uma densa fumaça que se assemelhava a dos turíbulos da igreja, surgiu uma voz rouca e idosa, se aproximando vagarosamente e, mesmo com dificuldade em pronunciar as palavras, as dizia com autoridade:

— Você deve descansar.

— Como... Por que isso infeccionou tão rápido? — perguntou o Espadachim com a voz cansada.

— Você não está se curando do corpo, Kaluanã. Nem há maus espíritos a serem afastados. Você está se curando da paixão que tem em ser você — disse a voz.

— Do que está falando? Quem é você? — perguntou exaltado o Espadachim, que passara a ouvir nas palavras que lhe eram dirigidas diversas vozes conhecidas e outras que não fazia ideia de onde surgiram.

— Eu sou o que de nós restaram e nós somos o que restaram para nós e não pode ser tirado: o rio, a fé e este sertão. Você deseja tanto ser grande, Kaluanã, que ninguém poderia ser maior? Nem mesmo um discípulo? Não há golpe maior. Mas sei, Kaluanã, que só há dor porque você também busca cura — respondeu, agora se revelando entre as brumas, um índio idoso, que parecia esconder todo o corpo com um longo coque ornado com flores de caroá.

— Eu busco — respondeu Manoel, se rendendo ao diálogo quase metafísico —, mas parece haver um grande mistério entre a vontade de ser eterno e a eternidade da vontade. Qual caminho devo seguir? — indagou.

— Esta dúvida, Kaluanã... Tê-la não é um privilégio só seu — respondeu o pajé.

— Parece que essa é uma pergunta que ninguém consegue responder. É esse o Segredo de Ouricuri que Kariri tanto menciona?

O velho índio riu do breve furor do esgrimista, mas não fugiu da resposta:

— É parte do Segredo e ainda assim muito pouco. Mas se o que quer são segredos, já que me permitiram, revelarei três: o primeiro é que Guaraci lhe quer bem pelo que fez a Kariri e o povo Xokó não tarda em retribuir. O segundo é que Picê pede que não amaldiçoe seu Eu-criança, pois se ele pode lhe ferir, também pode salvar. O terceiro é que Açuti lhe escolheu e avisa que sua busca se encerrará quando encontrar uma ponta mais poderosa que a da espada.

Manoel havia ficado exausto, mas não sabia se pelo esforço em entender o que queria dizer o índio que havia lhe salvado a mão de uma amputação, ou em razão do próprio ferimento, que parecia, até aquele momento, que não ia se curar tão cedo. O certo é que logo voltou a dormir, num descanso profundo, sem sonhos ou interrupções de qualquer natureza.

Quando acordou, estava em sua cama, com a mão direita enfaixada. O ferimento ainda estava lá, mas a chaga havia secado. Embora não doesse como no instante do golpe, ainda não havia recuperado totalmente a flexibilidade, e certamente não conseguiria pôr-se em guarda com a força nas falanges e leveza no punho que fazia questão de expor logo que iniciava o treinamento de um novo aprendiz.

Levantou-se e viu que era noite, pois da janela a lua cheia parecia ter ficado face a face com o Espadachim,

apenas para que, com o ofuscar da luz, lembrasse que o tempo havia passado e provavelmente tinha perdido a celebração de Páscoa para a qual foi convidado, na casa de Dom Bermudes.

Desnorteado e sem perfeita noção em que dia e hora acordara, começou a se arrumar numa tentativa de chegar a tempo e algo poderia já ter se encerrado. Tão logo se pôs adequadamente trajado (o que contempla seu sabre), *Sir Galahad*, que surpreendentemente estava muito bem cuidado, notou a pressa do dono e comprou sua briga de chegar a tempo de não se sabe o quê.

Quando adentrou nas imediações do Buraco, o Espadachim notou que sua pressa poderia ter dado resultado, pois a casa grande estava muito bem iluminada e havia uma porção de vaqueiros nas imediações celebrando com um bode assado, muito provavelmente, a recuperação de uma boiada desgarrada ou de algum touro furioso que ninguém tinha coragem de chegar perto há anos.

Havia um grupo mais afastado de homens que Manoel nunca tinha visto pelas redondezas e, aparentemente, as redondezas pareciam não ser muito familiares aos mesmos, já que olhavam constantemente para os lados na expectativa de que algo que nunca acontecia finalmente acontecesse.

O Espadachim parou em frente às escadas que davam para porta principal, desceu de seu cavalo, mas não o atou a nenhuma das palmeiras ao lado. Subiu as escadas e, como as portas estavam escancaradas, quando adentrou ao vasto salão (que continha a própria mesa de jantar) foi

facilmente notado por Dom Bermudes, que sentava à cabeceira da mesa, mas levantou para cumprimentar o amigo com os braços abertos e um sorriso lustroso, portador de um bigode muito bem penteado:

— Oh, meu amigo! Estávamos apenas esperando sua chegada para darmos início ao jantar! Venha, deixe-me apresentá-lo ao meu outro nobre convidado. Manoel Dias de Pinna, este é... E Dom Bermudes foi interrompido por Manoel.

— João...! — disse, sem conseguir conter o espanto.

A figura que, até então, permanecia sentada, ergeu-se vagarosamente da cadeira de arquitetura impecável e, enquanto girava na direção do Espadachim com uma taça de vinho do Porto na mão, respondeu:

— Tenha modos, Manoel. Chame-me pelo que sou, me chame de Barão.

— O que está fazendo aqui, João?!

— Você sabe, Manoel, o senhor é um sujeito muito difícil de ser encontrado, ainda mais enfiado nesse sertão. Quando consegui encontrá-lo, não quis correr o risco de que fugisse outra vez. Por sorte minha você fez amizade com quem eu poderia simular alguns negócios. Você é uma figura e tanto, Manoel... Não é necessário muito esforço para que seus mecenas resolvam exibi-lo tal qual um pássaro exótico.

Dom Bermudes, que estava atônito com a situação até então, finalmente tentou impor-se:

— Isto é um ultraje! Eu o recebo em minha casa e você faz dela um palco de duelo! Quem acha que sou?

Meus vaqueiros não deixarão que este absurdo permaneça impune.

No momento em que Dom Bermudes terminou sua fala, três homens que estavam no canto da sala puseram-se em pé e ao lado do fazendeiro. Logo após, ouviu-se uma movimentação grande do lado de fora da casa, passos se multiplicavam em progressão geométrica e armas sendo engatilhadas foram ouvidas.

— Ah, e é claro... — iniciou o Barão, de forma complacente — não se esforce tanto, meu caro colega, pois, eu devo confessar, Dom Bermudes, eu também aprecio amigos exóticos. Vocês estão todos cercados pelo bando do Baiano de Chorrochó.

O Barão fez um gesto caricaturado em direção às escadas para apresentar quem as estava subindo. De forma oposta ao patrão, com muito menos teatralidade, subiu um homem alto e esguio, acompanhado de outros dois capangas. Usava um gibão de couro completo, com um lenço branco no pescoço e, na cabeça, um chapéu em meia lua, semelhante aos usados pelos generais franceses nas guerras napoleônicas. Ele portava um bacamarte de pederneira e subiu os degraus apontando-o para à direção do Espadachim e de Bermudes, o que fez com que os vaqueiros repetissem o ato, na direção oposta.

A armadilha estava montada e a satisfação estava estampada no rosto do Barão, que (agora estava claro para Manoel) nutria um sentimento que não seria aplacado qual fosse a distância entre eles. Fora da casa, já se

ouviam tiros vindo de várias direções e uma gritaria que acumulavam comandos e ruídos de dor, o que deixou a situação na casa grande mais urgente.

— Não tenho negócios de vingança com ninguém daqui e fui contratado pra pegar o espadeiro. Mas se alguém se atrever, eu marco com ferro quente antes de mandar pro caixão — disse o cangaceiro.

Cada homem que portava uma arma na sala tinha outro em sua mira e era muito difícil supor qual não seria atingido acaso alguém abrisse fogo. A vantagem, no entanto, todos sabiam, era do Barão, afinal, quando o bando de cangaceiros ultrapassasse a linha de defesa dos vaqueiros, chegariam à casa grande e seria dado fim ao empate numérico de artilharia naquela sala.

Dom Bermudes tinha feito a conta e decidido pela ordem de atirar, mas não dava o comando na expectativa de que o Barão telegrafasse alguma reação, mas os olhares de todos se cruzavam sem denotar qualquer antecipação, numa batalha que parecia durar horas dentro dos segundos que se passavam.

De repente, um ruído peculiar parecia estar se aproximando rapidamente: um grito agudo e estridente que, feito por tantas pessoas, tornava-se homogêneo e, com o encurtamento da distância, era impossível ignorá-lo, tornando-se uma distração, consumada por uma flecha que veio de uma das janelas e por pouco que não atingiu o Barão, passando na linha de visão de todos os presentes e fincando, por fim, na parede da casa.

Quando todos esboçaram, em alguma medida, a reação de inclinar o pescoço para baixo, o Espadachim deu um longo assobio ao mesmo tempo em que corria em direção à janela oposta às escadas, ignorando que ela estava fechada e atravessando vidro e madeira. Quando caiu, rolou apondo o braço não machucado no chão cheio de pedregulhos e completou o movimento ficando de pé, exatamente no momento em que *Sir Galahad* chegou ao seu encontro.

Montou no luar e o apressou para que se distanciasse da casa e, ganhando certo aclave, olhou para trás e pôde compreender o que havia acontecido: os Xokós estavam cercando o bando de Baiano, atacando numa primeira linha com lanças e, mais ao longe, um segundo grupo com arcos longos disparava flechas nos cangaceiros.

Da lateral da casa, surgiu enfurecido o Barão, montado num andaluz tão preto que, quanto mais se distanciavam da residência, mais o animal se confundia com a escuridão da noite, com exceção dos grandes olhos que refletiam à luz da lua.

O Espadachim cavalgou em direção à parte extrema do curral, cujo limite era demarcado por uma cerca de pedras empilhadas, que servia, também, para conduzir os viajantes até o Buraco, já que ela, em boa parte, era paralela à estrada. Feita por escravos no século passado, tinha uma altura que ia até a cintura de Manoel, mas não tinha muito mais que a largura de dois pés humanos. A cada cinco metros, rente à cerca, havia uma haste com um lampião aceso, servindo para iluminar o local.

Quando chegou, ele já tinha praticamente sido acompanhado pelo Barão que, ao descer da montaria, foi em direção do Espadachim, furioso:

— Não adianta fugir, Manoel, você não vai escapar dessa vez!

— Eu não estava fugindo, João — disse o Espadachim, se equilibrando sobre a cerca, após saltar em sua direção. — Você percebe a confusão que criou para esse povo que nada lhe fez? Quantas vezes mais isso vai acontecer até que você desista de sua caçada? Eu fiz com que nos distanciássemos dela, pois se ainda há alguma honra em seu espírito, isso acaba hoje, num duelo.

O Barão subiu na cerca e, só após que sacou sua espada, o Espadachim repetiu o gesto com seu sabre, usando, no entanto, a mão que ainda tinha incólume, e assim começou o duelo da cerca de pedras.

Embora detivesse boa técnica e pés firmes, o Barão atacava com raiva o Espadachim que, por sua vez, se valia da sua destreza para desviar e defender os golpes, já que, embora fosse ambidestro, não possuía na mão esquerda a mesma força que a direita.

A lua iluminava os metais das espadas se chocando e os flashes pareciam orquestrar os sons que elas produziam e, dessa forma, o equilíbrio do duelo produzia um adágio cujo ritmo só era quebrado, por vezes, quando o Barão lançava ataques mais desordenados. Num destes ele tentou um ataque perfurante na altura do peito do rival, mas tomado pela cólera, não buscou força com o giro do tronco,

mas sim com o cotovelo muito atrás da linha do ombro, o que telegrafou sua intenção e fez com que o Espadachim tivesse tempo para pensar e preparar sua defesa.

Quando desferiu o golpe, Manoel desviou dando um pequeno salto para trás ao mesmo tempo em que usou seu sabre para defletir a lâmina do Barão, mas não a ermo, e sim em diagonal para baixo, fazendo com que a espada fosse em direção da cerca e a ponta ficasse presa entre os vãos das pedras.

O Barão tentou soltá-la, mas o Espadachim forçou a lâmina angulada com o pé, quebrando a espada no meio e chutou o torso do seu adversário, fazendo com que ele caísse de costas no chão, derrotado.

Manoel saltou da cerca de pedras para o chão com o sabre apontado para o Barão, que não havia declarado rendição e, ao mesmo tempo, o Espadachim parecia não ter a intenção de atacar o homem desarmado. Por algum tempo aquela cena se seguiu com eles se encarando, um esperando que o outro esboçasse reação, gerando uma serenidade sepulcral.

No entanto, o silêncio foi rompido pelo engatilhar do cão de um bacamarte, seguido de um estrondo que ecoou por todo aquele sertão e o som que se seguiu foi o de pássaros levantando voo. Baiano havia disparado de média distância, o que diminuía o impacto dos projéteis do bacamarte, mas aumentava sua área de impacto.

O Espadachim só pôde reagir pondo sabre na frente do rosto. Como ele possuía uma proteção densa para o

punho, evitou que seu rosto fosse atingido, mas a espada foi destroçada com a colisão, ferindo bastante a mão do Espadachim, além de outras partes do seu corpo, em menor grau. Com o impacto, ele caiu sentado, de costas para a cerca de pedras.

Baiano, então, passou a preparar o próximo tiro. Nos olhos do Barão havia confusão na chegada do cangaceiro, pois embora ele tivesse imobilizado o rival, não sabia o que sentir ante a iminente derrota daquele que um dia foi seu melhor amigo. Talvez a verdade fosse que, embora buscasse incessantemente encontrar o Espadachim, não esperava que ele viesse, de fato, a padecer por suas mãos.

O cangaceiro havia terminado de preparar o tiro e apontou em direção ao Espadachim, que ainda tentava se recuperar do golpe anterior. Mais uma vez, o silêncio anunciava o fim. Mais uma vez, ele foi rompido pelo estrondo da arma, como um trovão importado dos céus. Desta vez, entretanto, o tiro foi em cheio nas pedras da cerca, seguido de uma expressão de dor do cangaceiro.

Sem que se pudesse notar, Kariri havia saltado por detrás da cerca como uma sombra em direção a Baiano, atingindo-o com seu florete, no braço em que estava apoiado o bacamarte. A arma, depois do disparo, caiu no chão e o cangaceiro, agora igualmente ferido, puxou uma peixeira do quadril, jogando-a de mão em mão, com a ponta sempre em direção ao índio que, centrado e em posição ereta, disse sem perder o foco:

— Mestre, corra!

Manoel montou em *Sir Galahad* e pensou que, contrariando a metáfora de Frei Avelino, não tinha forças para comandar seu companheiro e confiou que ele o conduzisse caatinga adentro. Depois de alguns minutos de cavalgada, desceu do animal e encostou-se em um juazeiro. Ele havia perdido muito sangue e a falta de oxigenação começava a fazer com que os sentidos ficassem comprometidos. Quando parecia que ia recuperar o fôlego, ouviu outro disparo em sua direção e foi quando soube que aquilo ainda não havia terminado.

O Espadachim, que já o havia treinado para isso, fez com que *Sir Galahad* fosse em direção à sua casa, pois sabia que, não bastasse o sangue que respingava de suas roupas, as marcas do trote iriam fazer um rastro fácil de ser percebido por seu perseguidor.

Horas se passaram e exausto de caminhar, sem nenhuma espada, com as duas mãos machucadas e agora sem montaria, Manoel decidiu tentar um último movimento, pois sabia que logo perderia completamente os sentidos e só existia uma forma de estar vivo até o amanhecer.

Até então, Baiano estava no encalço do Espadachim sempre muito perto dele. Por várias vezes, faltou pouco para que eles se encontrassem. No entanto, mesmo ma-
drugada adentro, Manoel decidiu ir em direção à Igreja de São Pedro e, pela primeira vez, como conhecia bem o terreno, ganhou tempo em relação ao cangaceiro.

Manoel foi para detrás do cruzeiro e sentou-se no chão, com as costas coladas à base. Ao fazer o sinal da

cruz, por um momento sentiu que aquela que estava atrás dele aumentou de tamanho, como se quisesse escondê-lo de Baiano, cujos passos, agora, já podiam ser ouvidos novamente e se aproximavam de onde ele estava.

O Espadachim passou a se concentrar na respiração do cangaceiro, até que ela pudesse se diferenciar dos demais ruídos noturnos. Ele sabia que o algoz se aproximava vagarosamente e não podia tomar nenhuma decisão precipitada.

Podia sentir a respiração ofegante de Baiano que subia cuidadosamente a ladeira íngreme que dava para a igreja. Naquele momento, ele já estava tão próximo que podiam ser ouvidos os passos coordenados com sístole e diástole do seu inimigo.

Na primeira oportunidade em que Baiano hesitou em seguir aquele ritmo constante, o Espadachim surgiu por detrás do cruzeiro. O lenço branco no pescoço do cangaceiro foi tomado por um rubro marcante que partia de um ponto específico e logo passou a encharcar seu corpo que, por sua vez, ficou de joelhos perante Manoel.

Exausto, o Espadachim não tinha forças sequer para se manter em pé e também caiu de joelhos perante o seu perseguidor morto.

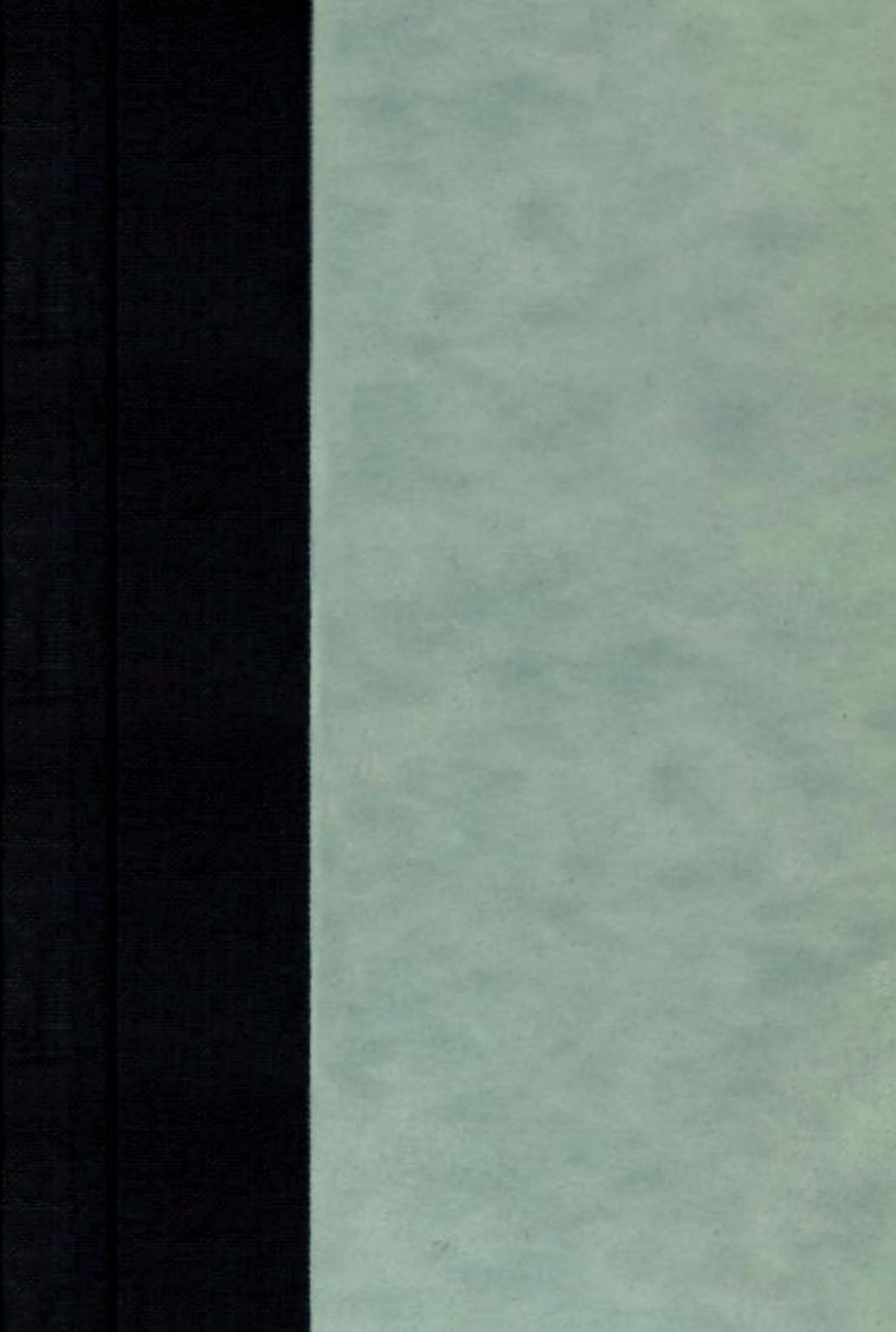
Quando o sol nasceu por detrás do Rio São Francisco, a bruma da madrugada ainda estava sendo substituída pelo calor matinal. Frei Avelino abriu as portas da Igreja de São Pedro e, quando a luz adentrou no recinto, pôde ver Manoel de joelhos com os dois braços esticados segu-

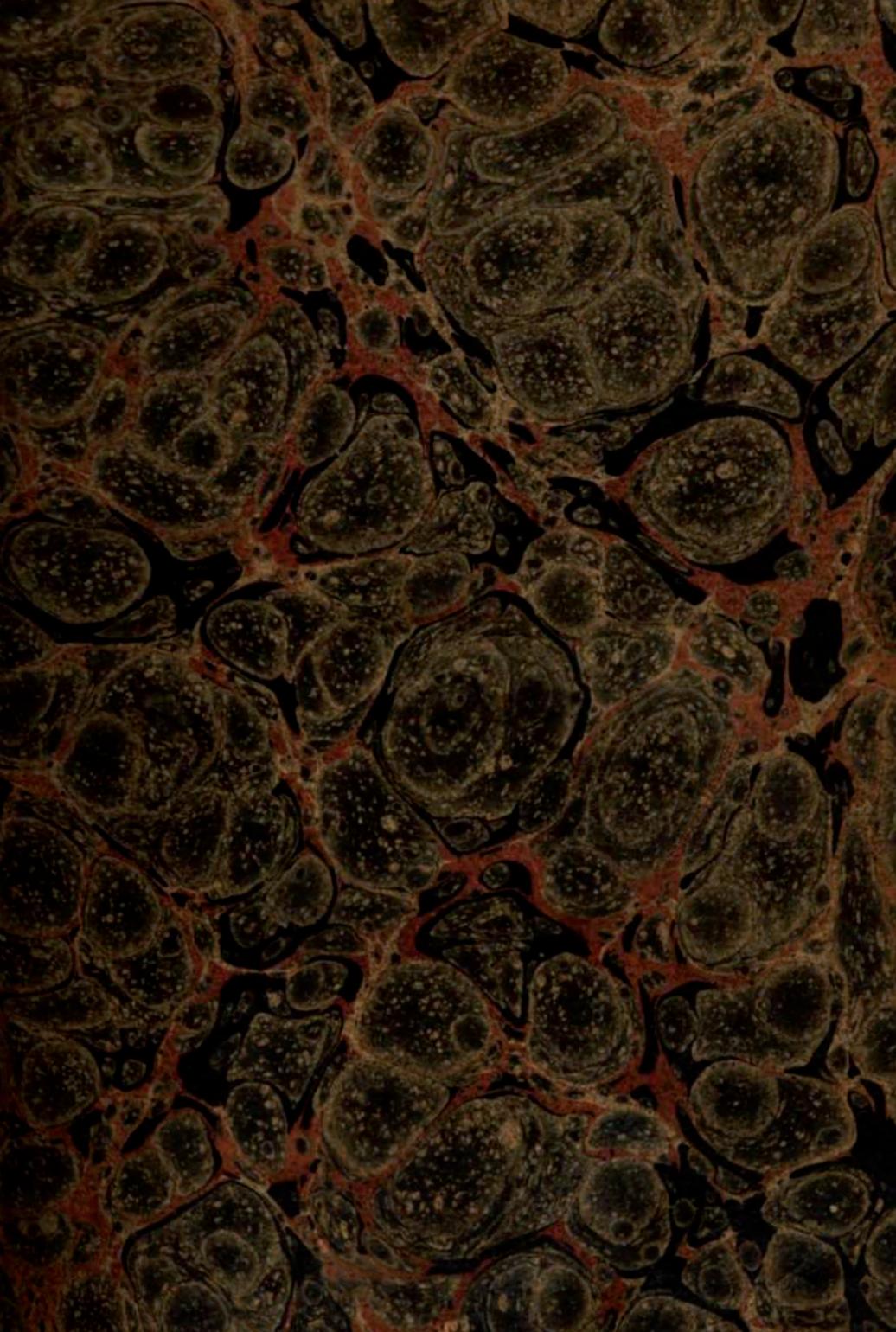
rando um galho de catingueira afiado tal qual um sabre, atravessado no pescoço de um cangaceiro.

O frade, assustado, se aproximou com mais lentidão que a urgência do caso pedia. Manoel, ao perceber a presença do clérigo, disse balbuciando:

— Frei Avelino, eu preciso me confessar.

Suênio Walttemberg





Esgrima
Mais simples ou
facilissima methodo de
jogar, e mandava-se bem
a espada 1.^o atacar
e defender-se.

FACILIMO METHODO,

THEORICO E PRATICO

DO

VERDADEIRO JOGO

DA

ESPADA:

ENSINADO EM POUCAS LICÇOENS, PELO PROFESSOR

Manoel Dias de Pinna.



MARANHAÕ.



IMP. MONARCHICA CONST. DE F. DE S. N. CASCAES.

ANNO DE 1842.

admite-se o intervalo
de 2 pes e 3 a que se
fá o nome duplo e tres
duplo e mais se
não permitta que fur
com o homem ficar fraco
e \neq desairado

THEORIA E PRATICA DO JOGO DA ESPADA

EXECUTADA PELO PROFESSOR

Manoel Dias de Pinna.



P.

Snr. Discipulo.

Todo o bem profilado se chama recto, e o que he recto?

He o pé direito na frente e o esquerdo atravessado, emparelhando o hombro esquerdo com o direito, ambos encobertos nas conclusões da Espada, advertindo que entre um pé e outro, tem hum yão no meio, o qual se chama paço natural, tambem se admite tres pés que se contem em doble, dois doubles, trez simidobles e quatro que se não permitem que faz o homem ficar fraco e pouco airoso.

S. D.

A Espada tem trez Anglos.—Anglo obtuzo á cabeça, Recto aos peitos; dos peitos athe a terra, se deve chamar Anglo agudo.

(4)

S. D.

A Espada tem trez tempos, atalhar, firir, e melhorar: todos esses trez tempos se formão em hum só anglo.

S. D.

A Espada tem cem grãos de latitude, vinte e cinco á ponta, vinte cinco ao meio, e cincoenta aos pés dos copos.

S. D.

Tambem tem trez terços, fraqueza á ponta, nobreza ao meio, e fortaleza aos pés dos Copos: na fraqueza jogão os faltos de animo, e de pouca sabedoria; na nobreza jogão os mais destros, que procurão a nobreza da Espada para melhor firir o seu contrario; na fortaleza jogão os Jogadores de dentro irritados de raiva, fazedores de concluzões; cada um delles a pegar no aro da Espada do seu contrario.

S. D.

A Espada tem tres feridas a quem não a sabe jogar; sabe-as fazer, que he hum talho puchado da direita para a esquerda, hum alto a baixo, huma estocada; advertindo que d'essas trez feridas, forão compostas trezentas e sessenta e cinco: cada hum auctor conforme a sua curiosidade.

Ja. Licut

(5)

S. D.

A Espada tem treze paços e são os seguintes.

Paço Recto de augmento; Estranho Retilino ao lado esquerdo, e ao direito; infinito de augmento circular ao lado direito; Transversal ao lado esquerdo; E versal ao lado direito, e ao lado esquerdo; Curvo dentro; Curvo fora; Trupidante; Esplante.

Modos como se devem fazer.

Paço recto: o pé direito marcha na frente; o pé esquerdo acompanha.

Paço Estranho. O pé esquerdo pucha o direito.

Retilino, ao lado esquerdo. O pé esquerdo he firme, o pé direito oblica para á esquerda.

Retilino ao lado direito. O pé esquerdo he firme, o pé direito oblica para á direita.

Infinito de augmento. O pé esquerdo he firme e o pé direito piza em cima da linha recta em tres simidobles.

Circular ao lado direito. O pé direito marcha, e o pé esquerdo roda por detraz do direito.

Transversal ao lado esquerdo. O pé direito marcha para a esquerda, e o esquerdo roda por detraz do direito.

Versal ao lado direito. O pé esquerdo he firme, e o pé direito roda por detraz do esquerdo.

Versal ao lado esquerdo. O pé direito he firme, e o esquerdo roda por detraz do direito.

Curvo dentro. O pé direito he firme, e o esquerdo piza em cima da linha recta.

Curvo fora. O pé direito he firme, e o esquerdo para a retaguarda do direito.

Tripidante. O pé direito he firme, e o esquerdo oblica para a esquerda.

Paço Esplante. O pé direito he firme, e o esquerdo oblica para a esquerda, cahindo com o corpo em cima da mesma perna.



Tem nove linhas.

Linha recta, Superior á todas as outras: tem linha oblica, ao lado direito, e ao esquerdo: linha circular, Sobre circular, e Simi-circular, Perpendicular, Paraléla, e Linha Mistiça



Arte do Jogo da Espada.

Modo facil para ensinar a dita Arte, tirada pelos apartamentos e tempos;

Ha cinco classes de jogos.

Jogo da linha, Batalhão, Jogo de dentro, Espontanea, e Corte de rua.

Corte de rua tem trez partes: primeira, segunda, e terceira.

Todas estas classes de jogos são feitas dentro de doze apartamentos: contendo o jogo de Batalhão movel, jogo de dentro hum, Espontanea, Outro; e o ultimo que he o jogo de Corte de rua.



Jogo de Espada Siccas & Co

~~JOGO DE BATALHÃO~~

~~1.º Apartamento.~~

Tem sete tempos.

1.º tempo. Metendo a Espada no rosto e medindo o Contrario pela quarta parte de fora, cruces da Espada vendo Ceo e terra, emparelhando hombro direito com o esquerdo, ambos encobertos nas concluzões da Espada, augmenta de recto a recto, o pé direito marcha na frente, e o esquerdo acompanha, sahe com paço estranho; e o pé esquerdo pucha o direito.

2.º « O Contrario obrando a ouniça e vedindo a linha, caia sobre ella em paço rutilino ao lado esquerdo.

3.º « Em elle negando a Espada e botando-lhe hum talho pela quarta parte de fora, ataque ao braço em paço rutilino ao lado direito, a ponta da Espada ao estomago do contrario de unhas a baixo.

4.º « Em negando a Espada botando-lhe hum talho de alto a baixo; meta o pé direito dentro, e ataque em paço infinito de augmento, de unhas á riba, e se elle carregar sobre á Espada, e for dentro pegal-o, puche o pé direito á retaguarda, e espere-o de ponta.

5.º « Elle partindo com huma estorada de recto á recto, varra, e saia cortando em passo circular ao lado direito.

6.º « O Contrario botando-lhe hum talho

pela quarta parte de fora, assoite com as costas da mão e tirando mão dobra pela quarta parte de fóra, cortando de alto á baixo, em paço transverçal ao seu lado esquerdo.

7.º « O contrario partindo com hum alto á baixo, apare em cruz, e saia cortando de alto a baixo em paço retilino ao lado direito.

2.º

Tem sete tempos.

1.º « O contrario abrindo a remiça e dividindo a linha, caia sobre elle em paço retilino ao lado esquerdo, e elle negando a espada e botando-lhe huma estocada pela quarta parte de fóra, ataque por entre linhas de unhas á baixo em paço retilino ao lado direito.

2.º « E se elle desligar a espada e oferecer-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, caia em passo versal ao lado esquerdo, e troça a manheca da mão de unhas á riba.

3.º « Se elle meter-lhe a Espada em circulo e for dentro pegal-o, puxe o pé direito á retaguarda, e espere-o de ponta.

4.º « O contrario partindo com huma estocada de recto á recto circule e tique em anglo obtuzo, em paço circular ao lado direito.

5.º « Estando assim em obtuzo, e elle partindo de alto a baixo, ou revéz, transmita e saia cortando de alto á baixo em paço circular ao lado direito.

6. ° « Se o contrario partir com hum talho pela quarta parte de fora, açoite com as costas da mão, e saia cortando de alto a baixo, em paço transversal ao lado esquerdo.

7. ° « Se elle partir de alto á baixo, appare em cruz, e saia cortando de alto á baixo em paço rutilino ao lado direito.

3. °

Tem oito tempos.

1. ° « O contrario abrindo a remiça e devendo a linha caia sobre ella em paço rutilino ao lado esquerdo.

2. ° « Se elle negar-lhe a espada e botar-lhe hum talho atravessado da direita para á esquerda ataque ao braço em paço rutilino ao lado direito com a ponta da espada ao estomago do contrario de unhas á baixo.

3. ° « Se elle negar-lhe a espada e butar-lhe hum alto á baixo, ataque de unhas á riba em paço infinito de augmento.

4. ° « Se elle fizer força sobre á espada e for dentro pegal-o, puxe o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta.

5. ° « Elle partindo com outra estocada de recto a recto circule e fique em obtuso, em paço circular ao lado direito.

6. ° « Estando assim, se elle partir com hum estocado manoblada aos peitos, manoble e saia verticando em paço rutilino ao lado direito.

7. ° « Elle partindo com hum talho pela

quarta parte de fora, açoite com as costas da mão, e tirando mão dobra pela quarta parte de fora saia cortando de alto á baixo em paço transversal ao lado esquerdo.

8.º « Se elle partir com hum alto a baixo appare em cruz, e saia cortando de alto a baixo em paço rutilino ao lado direito.

4.º

Tem dez tempos.

1.º « O contrario abrindo a rimiça e devendo a linha, caia sobre ella em paço rutilino ao lado esquerdo.

2.º « Se elle lhe negar a espada, e lhe botar hum talho pela quarta parte de fóra, ataque ao braço em paço rutilino ao lado direito de unhas á baixo.

3.º « E elle partindo de alto a baixo, ataque de unhas á riba em paço infinito de augmento, encobrando os olhos dentro dos Copos da Espada.

4.º « E se elle partir com huma estocada pela quarta parte de fóra, ataque por entre linhas de unhas á baixo, em paço rutilino.

5.º « Elle mettendo a espada em circulo, e indo dentro pegal-o, puche o pé direito á retaguarda espere-o de ponta.

6.º « O contrario partindo com huma estocada de recto a recto, destrua a espada para o violento, e pare-lhe o primeiro diagonal cortando por

baixo das armas de unhas a riba, em paço circular ao lado direito.

7. ° « Se elle partir com outra estocada de recto a recto, destrua a espada para o violento, e trazendo a espada até altura do pulso do seu braço esquerdo, passe segundo diagonal cortando por debaixo das armas de unhas á baixo em paço transversal para o lado esquerdo.

8. ° « Se tornar a partir de recto, açoite a espada para o centro, e levando a espada á altura do seu braço esquerdo, e passe terceiro diagonal, de unhas á baixo, em paço circular ao lado direito.

9. ° « O contrario partindo com um talho pela quarta parte de fóra, açoite com as costas da mão, e passe quarto diagonal, cortando pelo pescosso ao contrario de unhas a riba, em paço transversal ao lado esquerdo.

10. ° « O contrario partindo com hum talho de alto a baixo, apare em cruz, e passe o quinto diagonal cortando pelo pescosso do contrario de unhas a riba em paço rutilino ao lado direito.

5. °

Tem Onze Tempos.

1. ° « O contrario abrindo a remiça e devendo a linha caia em paço rutilino ao lado esquerdo sobre ella.

2. ° « O contrario partindo com hum alto a baixo ataque de unhas a riba em paço infinito de

augmento, e se elle fizer força sobre a espada e vier dentro pegal-o puche o pé-direito á retaguarda e espere-o de ponta.

3. ° « Elle partindo com huma estocada, caia em paço versal ao lado esquerdo, e offereça-lhe huma estocada aos peitos, sem fazer menção da espada do contrario.

4. ° « Se o contrario soltar a espada para o centro, tire mão dobra pela quarta parte de fora, e saia cortando de alto a baixo em paço transversal ao lado direito

5. ° « Elle tornando á partir de recto, caia em paço versal e offereça-lhe a espada aos peitos, e se elle transmontar-lhe a espada da sua direita para a esquerda, tire mão dobra pela quarta parte de dentro e saia cortando de alto a baixo em paço circular para o lado direito.

6. ° « Elle tornando a partir verse o pé e offereça-lhe a Espada aos peitos, e se elle soltar-lhe a Espada para o centro tire dobra pela quarta parte de fora cruzando a Espada por riba da Espada do Contrario meta o curvo dentro e vá pegal-o no aro da Espada, e se elle acudir sobre ella puche o curvo fora, e saia cortando de alto a baixo.

7. ° « Elle tornando a partir verse o pé e offereça-lhe a espada aos peitos e elle soltando-lhe a espada para o centro, meta a curva dentro e vá pegal-o, e elle manoblando a espada aos peitos manoble e saia cortando de alto a baixo, puchando o curvo fóra.

8. ° « Elle tornando a partir verse o pé e ofereça-lhe a espada aos peitos, e elle soltando-lhe a espada para o centro, tire mão dobra pela quarta parte de fóra ataque por entre linhas em paço tropidante cuja obra se chama linha aspirar de destresa.

9. ° « Se o contrario negar-lhe a espada e offercer-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro rode com o pé esquerdo por detraz do direito e troça a munheca da mão de unhas á riba.

10. ° « E se acaso o Contrario meter-lhe a Espada em circulo e for dentro pegalo puche o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta na testa.

11. ° « Cazo o contrario assoite a Espada para o centro (estando nesta posição de ponta na testa) tire mão dobra pela quarta parte de dentro e saia cortando de alto a baixo, em paço circular ao seu lado direito.

6. °

Tem doze tempos.

Este apartamento não tem remiça.

1. ° « He devizado com meter a Espada em circulo e cair em paço tropidante oferecendo-lhe a ponta da Espada aos peitos, ficando com a impunhadura da Espada na altura do joelho direito.

2. ° « O Contrario negando-lhe a Espada e oferecendo-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro reduza o pé esquerdo ao centro e troça a monheca da mão de unhas á riba.

3. ° « O contrario metendo a espada em

circulo e indo dentro pegal-o caia em paço explante, esperando com a ponta da espada a vista do contrario de unhas a baixo.

4. ° « E estando assim o contrario açoitando-lhe a espada pela quarta parte de dentro para a de fóra tire mão dobra pela quarta parte de fóra saia cortando de alto a baixo com passo transversal para o lado esquerdo.

5. ° « Tornando a partir com outra estocada de recto explante e se elle açoitara a espada da sua quarta parte de fora para a de dentro tire mão dobra pela mesma quarta parte de dentro, e saia cortando de alto a baixo com passo circular ao lado direito.

6. ° « Elle tornando a partir de recto, explante-se, e elle açoitando-lhe a espada para o centro tire mão dobra pela quarta parte de fóra e cruzando a espada por riba da do contrario meta o curvo dentro e vá pegal-o, cazo não consiga pache o curvo fóra e saia cortando de alto a baixo.

7. ° « O contrario partindo com outra estocada de recto explante, e elle açoitando a espada para o centro, meta o curvo dentro e vá pegal-o, cazo elle lhe manoble a espada aos peitos, manoble tambem e saia verticando puchando o curvo fóra, a ditta execução tem tres tempos.

8. ° « O contrario partindo com outra estocada de recto explante-se, e elle açoitando a espada para o centro, tire mão dobra pela quarta

parte de fóra, e ataque por entre linhas em paço trupidante, de unhas a baixo.

9. ° « Se elle partir com hum talho de alto a baixo reduza o pé esquerdo ao centro e ataque de unhas a riba em paço infinito de augmento.

10. ° « Se elle partir com huma estocada pela quarta parte de fóra, ataque por entre linhas de unhas a baixo em paço rutilino ao lado direito.

11. ° « Elle negando-lhe a espada e correr-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro ver-se o pé e troça a munheca da mão de unhas a riba, e se elle lhe meter a espada em circulo explante se, estando assim em explante e metendo a espada em circulo ou trasmitindo-a pelo centro hote o pé direito á retaguárda e espere-o de ponta na testa.

12. ° « E elle destruindo-lhe a Espada para o violento e passando-lhe o primeiro diagonal caia em paço retilino ao seu lado direito e com a mesma espada cobrindo o seu lado esquerdo aparando o golpe rode com o pé esquerdo por de tras do direito e saia cortando de alto a baixo.

7. °

Tem Onze tempos.

1. ° « O contrario partindo com hum talho de travessa, da sua direita para a esquerda, caia em setimo reparo cobrindo o mesmo lado direito atacando com a ponta da Espada ao este

mago do contrario, ficando com o pé direito de baixo da empunhadura da Espada e metendo o curvo dentro vá violentamente pegal-o no aro da Espada, caso elle forcege sobre a dita Espada, puxe o curvo fóra e saia cortando de alto a baixo.

2. ° « Tornando a partir caia em setimo e se elle negar a Espada e offerecer-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro puxe o curvo fóra, e ataque de unhas a riba.

3. ° « Se elle meter a Espada em circulo e for dentro pegal-o bote o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta.

4. ° « Se elle partir com huma estocada de recto varra e corte em paço circular ao seu lado direito.

5. ° « Se o contrario tornar a partir com hum talho de traveça, caia em setimo reparo, e se elle negar a espada e botar-lhe hum alto a baixo puxe o curvo fora e ataque de unhas a riba.

6. ° « E elle largando-lhe hum talho pela quarta parte de fóra, ataque ao braço em paço ritilino ao lado direito, e se elle negar-lhe e offerecer-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, verse o pé esquerdo por detraz do direito e troça a munheca da mão de unhas a riba.

7. ° « Se o contrario partir com huma estocada de recto, varra e saia cortando em paço circular ao lado direito.

8.º « Se elle partir com hum talho de alto a baixo, meta-se debaixo da separação da espada cobrindo todo o seu lado esquerdo, meta o curvo dentro e va pegal-o, e cazo o não consiga puxe o curvo fóra e saia cortando de alto á baixo.

9.º « Elle tornando a partir com outro talho de alto á baixo, vá outra vez á separação da espada, e se elle negar-lhe a espada e correr lhe hum estocada, reduza o pé esquerdo ao centro, e troça a munheca da mão de unhas á riba.

10.º « Elle metendo a espada em circulo e hindo dentro pegal-o puxe o pé direito fóra e espere-o de ponta, e se elle partir de recto, varra e saia cortando em paço circular ao lado direito.

11.º « O contrario botando lhe hum alto á baixo, na separação meta o curvo dentro, e se elle manoblar a espada aos peitos, manoble tambem e puxe o curvo fóra, e saia verticando; cuja execução tem tres tempos como a cima se faz ver.

8.º

Tem treze tempos.

1.º « O contrario abrindo a remiça, e devedindo linha caia em riba della em paço rutilino ao lado esquerdo.

2.º « Ataque ao braço em paço rutilino ao lado direito.

3.º « E se elle negar a Espada e botar hum alto a baixo, ataque de unhas á riba em paço infinito de augmento.

4. ° « Se elle fizer carga á espada e for dentro pegal-o, puche o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta.

5. ° « Se elle partir com hum alto á baixo ou revez verse o pé esquerdo e offereça-lhe hum talho ao braço puchando o talho da sua direita para á esquerda;

6. ° « E se elle negar-lhe a Espada e botar-lhe hum talho pela quarta parte de fora, ou huma estocada por entre linhas, ataque ao braço e na mesma execução por entre linhas, conforme a partida que elle fizer, em paço rutilino ao lado direito.

7. ° « Elle partindo com hum talho revez da sua direita para a esquerda caia em paço trupidante e offereça-lhe hum talho puchado da esquerda para á direita.

8. ° « E elle negando-lhe a e offerecer-lhe huma estocada pela quarta parte dentro, reduza o pé esquerdo ao centro e trôça a munheca da mão de unhas á riba.

9. ° « Estando assim firme em centro, e elle tornando a partir com a mesma execução caia em paço trupidante, e offereça-lhe hum revez ao braço.

10. ° « E se elle negar-lhe a Espada e botar-lhe hum alto á baixo reduza o pé esquerdo ou centro e ataque de unhas á riba encobrindo o rosto nas guardações da Espada, e a ponta da mesma ao peito do contrario.

11. ° « E se elle disligar a Espada e offerecer-lhe huma estocada pela quarta parte de fóra, ataque por entre linhas de unhas a baixo em paço ritilino ao lado direito.

12. ° « E se elle offerecer-lhe a estocada pela quarta parte de dentro, verse o pé esquerdo e ataque de unhas á riba.

13. ° « Se elle meter a Espada em circulo e meter o curvo dentro para pegal-o, bote o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta, e elle partindo com huma estocada de recto, varra e saia cortando de alto a baixo em paço circular ao lado direito.

9. °

Tem quatro tempos.

1. ° « O contrario partindo com huma estocada de recto a recto, meta-lhe a Espada em circulo e vá com o curvo dentro pegal-o, e não o conseguindo puche o curvo fóra, e saia cortando de alto á baixo.

2. ° « Elle tornanlo a partir com outra Estocada de recto a recto meta a Espada em circulo e indo com o curvo dentro vá pegal-o, cazo elle manoble a Espada aos peitos, manoble tambem e saia cortando de alto á baixo.

3. ° « Se tornar a partir de recto, transmitindo a Espada pelo centro e tirando mãos doblas pela quarta parte de fóra, na primeira mão dobla firme, e na segunda meta o curvo dentro e

vá pegal-o no aro da Espada, e não o conseguindo puche o curvo fóra e saia cortando de alto a baixo

4. ° . Se elle partir de recto, torne a transmontar a Espada pelo centro meta o Curvo, dentro, manoble, puxe o curvo fora e saia cortando de alto á baixo.

Adverte-se que estas duas ultimas partes do nono apartamento, he com que se lança a Espada fora da mão do Contrario.



JOGO DE CORTE DE RUA.

Jogo p.º de feia da mais

10. °

A primeira postura deste jogo.

Deve estar com o pé direito á retaguarda do esquerdo: a frente.

Primeira parte.

Tem quatro tempos.

1. ° « O Contrario partindo com um talho por debaixo das armas sendo este dado dos pés para a cabeça, deve atalhar com a mesma execução, em paço circular ao lado direito.

2. ° » Elle trazendo a Espada do lado esquerdo para o direito dos pés para a cabeça, exe-

ente tambem o mesmo em paço transversal ao lado esquerdo.

3. ° " Se elle partir com hum talho revez da sua esquerda para á direita transmonte em outro paço transversal.

4. ° " Saia cortando de alto á baixo puxando o pé direito para á retaguarda.

2. °

Tem tres tempos.

1. ° " O contrario partindo com huma estocada de recto circular e fique em anglo obtuzo.

2. ° " Elle partindo-lhe com hum talho de alto a baixo transmonte e saia cortando em paço transversal ao lado esquerdo.

3. ° " Tire mão dobra pela quarta parte de fora e espere-o de ponta puxando o pé direito á retaguarda.

As duas primeiras partes deste jogo, traduzidas com dois talhos e hum revez faz com com que seja a terceira parte como abaixo se vê.

3. °

O contrario partindo com o talho por debaixo das armas da direita para á esquerda, e da esquerda para á direita, e com os dois talhos do revez, executa os paços acima ditto; que vem a ser hum circular, dois transversaes, e o pé direito á retaguarda, o contrario partindo com hum talho

de alto a baixo, appare em cruz, e saia cortando, em paço rítilino ao lado direito, estando assim o contrario partindo com huma estocada de recto, circule e fique em anglo obtuzo em paço circular ao lado direito, e elle partindo com hum alto a baixo transmita, e corte em paço transversal ao lado esquerdo, e puxando mão dobra pela quarta parte de fora, puxe o pé direito á retaguarda; e o contrario partindo com hum talho de alto a baixo appare em cruz e corte em paço rítilino ao lado direito.

Vem a ser isto a terceira parte.

41. ° *Apartamento no qual se contem todo o jogo de dentro, o dito jogo tem duas partes.*

Tem sete tempos.

1. ° « Estando formado com o pé direito a retaguarda e o esquerdo na frente, a Espada em centro: o contrario partindo com huma estocada, tire mão dobra pela quarta parte de fóra e ataque por entre linhas de unhas a baixo infinito de augmento.

2. ° « O contrario negando a Espada e offerecendo-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, róde com o pé esquerdo por detraz do direito, troça a munheca da mão de unhas a riba, que vem a ser o paço, versal ao lado esquerdo.

3. ° « O contrario metendo a Espada em circulo e indo dentro pegal-o, deixe o pé esquerdo firme e manoble a Espada aos peitos em paço rítilino ao seu lado direito.

4. ° « Elle negando-lhe a Espada e o ofrecendo-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, deixe o pé direito firme, rode com o pé esquerdo por detras do direito, troça a munheca da mão de unhas á riba.

5. ° « Estando assim e elle metendo a Espada em circulo, caia em paço tripidante e manoble a Espada aos peitos; o pé direito he firme e o pé esquerdo oblica para á esquerda.

6. ° « Se eile negar a Espada e tornar a offerecer-lhe a estocada por dentro, rode com o pé esquerdo por detraz do direito e troça a munheca da mão de unhas á riba.

7. ° « Se elle meter a Espada em circulo e for dentro pegal-o, deixe o pé esquerdo firme e bote o pé direito á retaguarda e manoble a Espada aos peitos.

Segunda parte do mesmo jogo.

Tem treze tempos.

1. ° « Se elle partir com huma estocada pela quarta parte de dentro, reduza o pé esquerdo ao centro, e troça a munheca da mão de unhas á riba.

2. ° « Elle tornando a meter a espada em circulo e indo dentro, deixe o pé direito firme, e explante para á retaguarda.

3. ° « Elle soitando-lhe a Espada para o centro deixe o pé direito firme, e cahindo em paço tripidante, manoble a Espada aos peitos.

4. ° « Elle desligando-lhe a Espada e offerecendo-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro reduza-se em centro e ataque de unhas á riba.

5. ° « Se elle tornar a meter-lhe a Espada em circulo explante-se, e elle soitando lhe a Espada para o centro e indo pegal-o, deixe o pé esquerdo firme e caia em paço ritilino ao lado direito, e manoble a Espada aos peitos.

6. ° « E se elle negar-lhe a Espada e botar-lhe huma estocada por dentro, reduza-se em centro e troça a munheca da mão de unhas á riba, e elle tornando a partir dentro explante-se.

7. ° « E elle soitando a Espada para o centro deixe o pé direito firme, e meta o curvo dentro e manoble a Espada aos peitos, e elle negando-lhe a Espada e offerecendo-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro explante-se.

8. ° « Estando assim em explante, e o contrario transmontando a Espada pelo centro, bate o pé direito á retaguarda e manoble a Espada aos peitos.

9. ° « Se elle negar a Espada e botar-lhe hum talho pelo pescoço, meta o pé direito dentro e ataque em paço infinito de augmento cruzando a Espada com a do dito contrario como quem quer trasmontar pelo violento.

10. ° « E o contrario negando-lhe a Espada e botando-lhe hum talho pela quarta parte de fóra ataque ao braço em paço ritilino ao lado direito, a

ponta da Espada apontando ao estomago do contrario, de unhas a baixo

11. ° « Elle negando-lhe a Espada e offerecendo-lhe a estocada pela quarta parte de dentro, reduza-se ao centro e troça a munheca de unhas á riba.

12. ° « Estando assim e elle metendo-lhe a Espada em circulo, ou tranmontando-lha pelo centro, bote o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta.

13. ° « O contrario partindo com huma estocada de recto a recto, varra e saia cortando em paço circular ao seu lado direito.

12. ° *Apartamento ultimo desta arte que consta deste Jogo da Espontanea. O ditto tem duas partes, com os tempos seguintes.*

1. °

Tem 12 tempos.

1. ° « O contrario abrindo a remiça e devendo a linha, caia sobre elle em paço retelino ao lado esquerdo.

2. ° Se o contrario partir com huma estocada pela quarta parte de fora, ataque por entre linhas de unhas a baixo, em paço retelino ao seu lado direito.

3. ° « Elle offerecendo-lhe a estocada pela quarta parte de dentro, rode com o pé esquerdo por detraz do direito e troça a munheca de unhas á riba.

4. ° « Elle mettendo a Espada em circulo bote o pé direito a retaguarda, e espere o de ponta.

5. ° « Elle partindo com hum estocada as vrilhas em paço circular, circule tambem o paço e ataque de unhas á riba.

6. ° « Se elle negar-lhe a Espada e offerer-lhe hum estocada pela quarta parte de dentro transverse o paço e ataque de unhas a baixo.

7. ° « Elle partindo com hum estocada á vista, ataque tambem á vista de unhas á riba em paço circular ao seu lado direito.

8. ° « Elle negando-lhe a Espada e correndo-lhe hum estocada ás vrilhas de unhas a baixo, ataque de unhas a baixo, em paço tripidante, que vem a ser em linha aspirar em destreza.

9. ° « Estando assim, e elle partindo com outra estocada á vista ataque de unhas á riba caindo em paço rutilino ao lado esquerdo, e o pé esquerdo acompanhando; que vem a ser hum quadrante.

10. ° « E se elle negar-lhe a Espada, e executar a mesma acção, rapidamente bote o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta na testa.

11. ° « Se elle partir com a estocada as vrilhas transmonte-lhe a Espada pelo centro, e tirando mão dobra pela quarta parte de fora e cruzando a Espada por riba da do contrario de unhas a baixo, rapidamente offereça lhe hum estocada em paço recto de augmento.

12. ° « Se nesta partida com que comete, o

contrario for destro que caia em paço tripidante, e encher o grão em paço iufinito de augmento, deve explantar-se; athe com o joelho em terra se possível for.

2. °

Tem 9 tempos.

1. ° « Cazo o Contrario parta com huma estocada a vista de unhas á riba, soite-lhe a Espada com as costas da mão, e ataque com huma estocada á vista de unhas a baixo em paço recto de augmento.

2. ° « Estando ambos os dois corpos firme em opozição eo contrario partindo com huma estocada á vista de unhas áriba, ataque de unhas áriba tambem em paço circular ao lado direito.

3. ° « Se elle tornar a partir a vista de unhas a baixo, ataque tambem a vista de unhas a baixo em paço transversal ao lado esquerdo.

4. ° « Elle partindo com huma estocada pela quarta parte de fora, ataque por entre linhas de unhas a baixo, em paço rítilino ao lado direito.

5. ° « Elle desligando a Espada, e partindo com huma estocada de recto á vista, caia em paço versal ao lado esquerdo, e augmente tambem de recto de unhas áriba.

6. ° « E na mesma execução elle querendo pegalo, deve violentamente atacalo por entre linhas de unhas á baixo, ou em paço rítilino ao lado direito, ou puchando o pé direito á retaguarda.

7. ° « Estando assim eo contrario partindo

com huma estocada de unhas áriba ataque tam-
bem de unhas áriba em paço circular ao lado di-
reito.

8. ° « O contrario transmontando-lhe a Es-
pada pelo centro, e hindo dentro pegalo, bote o
pé direito á retaguarda e espere-o de ponta,

9. ° « E se elle partir com huma estocada
de recto, varra e corte em paço circular ao lado
direito.

*Modo facil de como o homem se deve formar,
para esperar ou partir ao seu competidor.*

Sr. D.

1. Espada tem doze formas.

1. ° Tem á sinta: lugar onde ella se carrega.

2. ° He em obtuzo: que he estar com a pon-
ta da Espada para o Céu e a maçãa para a terra,
e a Cruz da Espada confronte com o seu peito di-
reito. Paço natural.

3. ° He em recto: que he apontar com a pon-
ta da Espada aos peitos do contrario, confrontando
o hombro com a ponta da mesma Espada, e o bra-
ço estendido. Paço infinito de augmento.

4. ° Agudo por entre liubas: aponta-se com
a ponta da Espada á vista do contrario a munheca
da mão de unhas á baixo ficando com a empunha-
dura da Espada em riba do joelho direito e o cor-

po inclinado á frente. Paço infinito de augmento.

5. ^o Agudo: he feito como ácima se diz com a differença de estar com a ponta da Espada em terra na frente dos dedos do pé direito, de unhas á riba.

6. ^o Em centro: tambem he em paço natural a ponta da Espada sobre a terra, e a mesma Espada cobrindo a perna direita pela quarta parte de fóra.

7. ^o Separação: he feita em paço ritilino, ou infinito de augmento, com a Espada cruzada por riba da cabeça, a mão direita pegando a impunhadura da Espada e a esquerda sobre a ponta.

8. ^o Explante para o lado esquerdo: he a ponta da Espada a vista do contrario, de unhas á baixo com as guarnições, guarnicendo o joelho direito com o corpo explantado sobre a perna esquerda.

9. ^o Explante para o lado direito. A mesma forma do ácima, com a differença que he com a ponta da Espada em terra, explantando o corpo sobre a perna direita ficando assim em descaução sobre a mesma Espada e perna; adverte-se que todas estas nove formas são executadas em cima da linha recta: prova tanto que havendo nove linhas e doze formas, só na linha recta tem nove formas, pertencendo ás duas linhas oblicuas as tres formas, como á baixo se vê, motivo porque se chama a linha recta mai das linhas, pois dellas forão tiradas todas as mais.

10. ^o Remiça. Esta fórma, he a divizão das

linhas e tambem dos apartamentos he muito util para se ensinar aos dicipulos, para por esse meio saberem quantos tempos tem cada apartamento e assim jogarem sem vós quando chega no conhecimento das suas divizões; abre-se a rimça, em paço rutilino ao lado direito com o braço estendido sobre a mesma linha obliqua com a perna direita, e o corpo cahido á frente.

11. ^o Centro em rutilino, vem a ser o paço e o anglo á mesma da rimça, com a differença que he com a ponta da Espada em terra, defronte do dedo minimo do pé direito, de unhas á riba.

12. ^o Centro em tripicante. A Espada tambem he com a ponta ao centro, e esta confiro do joanete do pé esquerdo.



Forma com a Espada á Cinta.

Estando formado com a Espada á cinta, caso esteja muito unido com o seu contrario, no dezembainhar da Espada, deve botar o pé direito a retaguarda, e esperal-o de ponta, se elle partir com a estocada, versar o pé e offerecer-lhe huma estocada aos peitos, e se elle acudir sobre ella, sair cortando com alto á baixo ou revez, em paço transversal ao lado esquerdo.

Na mesma acção de dezembainhar, o contrario partindo com estocada do recto, pode meter a Es-

pada em circulo, e atacar de unhas a baixo em paço infinito de augmento.

Na mesma. Vindo elle de recto pode transmontar pelo centro e sahir cortando de alto á baixo. Paço transversal ao lado esquerdo.

Na mesma execução pode varrer e sahir cortando em paço circular ao lado direito e se elle meter-se debaixo da separação para hir pega-lo bote o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta.

Estando assim, se elle partir de recto verse o pé e offeça-lhe a Espada aos peitos e elle soltando-lhe a Espada da sua direita para a esquerda tire mão dobra pela quarta parte de dentro e saia cortando de alto á baixo; paço circular ao lado direito.

Estando assim formado com a Espada á cinta, e o contrario estiver em posição que a poça pegar no aro da mesma Espada, e elle partindo de alto á baixo, póde cair em paço tripidante e offecer-lhe hum talho ao braço, sendo este puchado da sua esquerda para á direita.

Cazo elle negue e offeça-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, reduza-se em centro e troça a munheca da mão de unhas á riba.

Estando assim formado com a Espada á cinta partindo o contrario com hum talho pela quarta parte de fóra, pode soltar com as costas da mão e sahir cortando em paço transversal ao lado esquerdo, nessa mesma execução póde soltar com as costas da mão e paçar-lhe o quarto dagonal de unhas á riba,

Estando formado nesta mesma execução, e elle partindo com talho, revez, ou estocada, pôde sahir cortando com hum talho por debaixo das armas dos pés para á cabeça do contrario em paço transversal para o lado esquerdo, e sahir cortando com hum alto á baixo da cabeça para os pés paço circular ao lado direito.

Pôde livrar-se de estocadas, como se vê nas ultimas obras do quinto apartamento, de talhos de traveça, e alto á baixo, tem lugar de executar todas as execuções do 7.º e 8.º apartamentos.



FORMA EM OBTUZO.

Esta forma he muito propria, para transmontar pelo violento, saltar para o centro, tem fixas execuções pela quarta parte de dentro, e quarta parte de fóra como á baixo se verá.

Estando nella formado. O contrario partindo com hum alto á baixo, aparar em cruz e cortar em paço rutilino ao lado direito, na mesma execução, transmontar e sahir cortando.

Cazo o contrario no tresmontar e cortar, executar qualquer obra de 7.º deve cabir em paço rutilino ao seu lado direito, manoble a Espada aos peitos.

Estando assim, o contrario partindo com hum estocada pela quarta parte de dentro meta a

Espada em circulo em paço ritilino ao seu lado esquerdo e rapidamente caia em paço tripudante, offerecendo huma estocada ao estomago do contrario de unhas á baixo, que vem a ser esses dois paços, hum quadrante.

Estando em obtuzo. e o contrario partindo com hum alto a baixo meta-se debaixo da separação da Espada, metendo o curvo dentro vá pegal-o e elle acodindo sobre a Espada, puche o curvo fora, e pache-lhe 4.º diagonal.

Estando em obtuzo e elle partindo com outro talho de alto a baixo meta se debaixo da separação da Espada e vá pegal-o, e elle negando-lhe a Espada e partindo com huma estocada de alto a baixo circule o paço e corte dos pés para a cabeça, que vem a ser o primeiro golpe da 1.ª parte do corte de rua.

Em obtuzo. Se o contrario partir com hum talho de travessa pela quarta parte de fora execute a primeira parte de 7.º e elle negando a Espada e offerecendo-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro reduza o pé esquerdo ao centro e trouça a munheca de unhas á riba e elle metendo a Espada em circulo e hndo dentro pegal-o puche o pé direito fora e espere de ponta.

Cazo o contrario parta com hum alto a baixo deixe o pé direito firme, e rodando com o esquerdo por detraz do direito offereça lhe hum talho ao braço, sendo este puchado da sua direita para a esquerda, e tirando mão dobra pela sua quarta parte de

dentro offereça-lhe hum talho da sua esquerda para á direita, em paço rítilino ao mesmo lado esquerdo.

Adverte-se que o contrario partindo com hum talho de travessa ou alto á baixo pode executar todas as partes de setimo, e se partir com revezes, pode executar todas as tres partes de 8. °

Estando assim em obtuzo, o contrario partindo com huma estocada manoblada aos peitos, manoble e saia verticando em paço rítilino ao lado direito, nessa mesma execução de manobla quando sair verticando, pode o contrario versar o pé e offerecer-lhe hum talho ao braço, cazo elle assim o faça tire mão dobra pela quarta parte de fora e corte de alto á baixo, paço transversal ao lado esquerdo.

Tambem pode tirar mão dobra pela quarta parte de dentro e cortar com alto á baixo em paço rítilino ao seu lado esquerdo, pode executar a mesma obra em paço Tripicante.

Em Obtuzo, o contrario partindo com huma estocada de recto, verse o pé e offereça-lhe a Espada aos peitos, e elle assoitando a Espada para o centro, puche o pé direito á retaguarda e fazendo com curvo no corpo, se possível for não firmar o pé direito a retaguarda tire mão dobra pela quarta parte de fora e cruzando a Espada por riba da Espada do contrario, em paço Infinito de augmento offereça-lhe huma estocada aos peitos de unhas á baixo.

E se elle nesta execução transmontar a Espada pelo centro, e executar o mesmo paço que o Sur. executou, explante-se para o seu lado direito, e torne a meter o pé direito dentro, e ataque de unhas á riba em paço Infinito de augmento.

Se elle carregar sobre a sua Espada puche o pé direito a retaguarda e espere-o de ponta.

Se elle partir com uma estocada de recto a recto circule e fique em Obtuzo em paço circular ao lado direito.

Tornando o contrario a partir de ponta soite a Espada para o centro e passe-lhe 3.º diagonal.

Cazo elle negue, e meta o curvo dentro e vá pegal-o verse o pé e desligando a Espada por riba da delle, ataque por entre linhas de unhas á riba.

Nesta mesma execução pode tirar mão dobra pelo centro e offerecer-lhe uma estocada de unhas a baixo paço Tripicante.

Advertencia. Pode executar todas as estocadas de 4.º e 5.º apartamento, e as duas ultimas partes de nono, estando formado em obtuzo,

FORMA NO RECTO.

Estando formado na mesma, e o contrario destruindo-lhe a Espada para o violento, e passando-lhe o 1.º diagonal, deve abaixar a ponta para o centro ficando esta cobrindo o joelho esquerdo

é a empunhadura da Espada defronte do hombro esquerdo, com a mesma Espada guarnecendo o seu lado esquerdo, em paço retilino ao lado direito, e sahir respotando com hum vertical, em paço versal ao lado esquerdo; ficando formado no recto.

O contrario tornando a partir com a mesma execução cubra o lado esquerdo; como acima fica dito, e passe-lhe 5.º diagonal, sendo este diagonal, puxado da direita para a esquerda de unhas a riba paço versal ao lado esquerdo.

Na mesma forma de Recto. O contrario partindo com o mesmo 1.º diagonal, guarneça o lado esquerdo como já se disse, traga a sua espada em meio circulo e caia em paço Tripitante offerecendo-lhe huma estocada de unhas a baixo; fas se ver que esta obra de meio circulo, consiste de grande rapidez e força, motivo porque a não deve executar, conhecendo que o seu contrario he mais superior em forças.

Recto. O contrario destruindo a Espada para o violento e passando-lhe o segundo diagonal deve cobrir o seu lado direito com a Espada, assim como se cobre o lado esquerdo, e logo que a Espada bata, tire mão dobra pela quarta parte de fora, e saia cortando de alto a baixo em transversal ao lado esquerdo ficando logo formado no recto.

E elle tornando a passar-lhe o 2.º diagonal, appare da forma acima ditta, e tirando mão dobra pela quarta parte de fora, e cruzando a Espada

por riba da do contrario, caia em paço Tripicante atacando com a ponta da Espada ao estamago do contrario de unhas a baixo; e nesta mesma execução pode meter o curvo dentro e hir pegal-o e e se elle lhe manoblar a Espada, manoble saia cortando com hum vertical puxando o curvo fora.

Recto. Se elle lhe soitar a Espada para o centro e lhe passar o 3.º digonal, cubra todo o seu lado direito com a Espada de unhas á baixo ficando a empunhadura da Espada na altura do seu joelho direito.

Recto. Elle partindo com a mesma execução pode cobrir o lado da mesma forma, meter o curvo dentro e ir pegal-o, e não o conseguindo puche o curvo fora e saia cortando com hum talho, contra talho.

Recto. O contrario metendo-lhe a Espada em circulo e hindo dentro pegal-o, puxe o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta, elle partindo de ponta, meta a Espada em circulo, caia em paço infinito de augmento ficando logo formado no recto.

Recto. O Contrario metendo-lhe a Espada em circulo e hindo dentro pegal-o caia em paço Ritilino ao lado direito e manoble-lhe a Espada aos peitos, tambem pode puchar o pé direito a retaguarda e esperal-o de ponta na testa.

Estando esperando de ponta na testa, o contrario partindo com qualquer execução, de Talho, Reyes, Estocada manoblada, por entre linhas, ou

de recto, em tirar mão dobra pela quarta parte de fora, e trazendo o açoite da sua Espada do centro para o violento deve atacar de unhas á riba em paço Infinito de augmento, esta obra he tão fisica que com ella só se defende das outras acima ditas, como de todas as mais que ha neste jogo.

Recto. O contrario transmontando-lhe a Espada pelo centro, e indo dentro pegal-o, tire mão dobra pela quarta parte de fora, e caia em paço Tripicante, e elle negando-lhe a Espada e offerecendo-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro reduza o pé esquerdo ao centro, ficando formado no recto.

Recto. O contrario metendo-lhe a Espada em circulo caindo em paço Tripicante, tire mão dobra pela quarta parte de fora, e ataque em paço Tripicante, e o contrario negando a Espada, e offerecendo-lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, reduza o pé esquerdo ao centro e troça a munheca de unhas á riba, estando assim meta-lhe a Espada em circulo e vá dentro pegal-o, e não o conseguindo saia cortando com talho contra talho; quer dizer, sahirem ambas cortando pelos mesmos fios.



FORMA DE AGUDO POR ENTRE LINHAS.

Estando nella formado, o contrario partindo pela quarta parte de fora; com hum talho através-

sado da sua direita para a esquerda, guarneça o seu lado direito, não como quem quer cair em setimo, mas sim como quem apara o segundo diagonal em paço retilino ao lado direito, e puchando mão dobra pela quarta parte de dentro corte de alto a baixo em paço versal ao lado esquerdo.

Nesta mesma execução pode passar a terceiro diagonal com os paços já ditos.

Estando nesta mesma forma, e o contrario partindo com hum talho de travessa da sua esquerda para a direita, guarneça o lado esquerdo como quem apara o primeiro diagonal, e logo que receba o golpe, caia em paço versal ao seu lado esquerdo, e offereça-lhe huma estocada de unhas á riba.

Nesta mesma execução, elle lhe soitando a Espada para o centro tire mão dobra pela quarta parte de fora, e cruzando a Espada por riba da delle caia em paço Tripidante, e rapidamente caia em paço ritilino ao lado esquerdo, offerecendo-lhe huma estocada ao Estomago de unhas a baixo.

Estando formado, nesta mesma forma, e o contrario partindo com hum talho pela sua quarta parte de fora, tire mão dobra pela mesma e ataque de unhas a baixo em paço retilino ao lado esquerdo.

E como elle ache gráo para executar a primeira parte de setimo, caia em paço Tripidante atacando por entre linhas de unhas a baixo, que vem a ser linha aspirar em destreza.

Estando assim em linha aspirar em destreza, e elle partindo com hum talho de alto a baixo re-

duza o pé esquerdo ao centro, e ataque de unhas á riba, como bem se vê na 5.ª parte do sexto apartamento.

Agudo por entre linhas.

O contrario partindo com hum talho de alto a baixo, transmonte e corte em paço circular ao lado direito, e tem logar de executar as mais execuções, como se vê em primeiro, e seguudo, setimo e oitavo apartamentos.



FORMA EM AGUDO.

Estando assim formado, e o contrario partindo com hum talho de alto a baixo, deve botar o pé direito á retaguarda e explantar se sobre o mesmo lado, deixando o talho cair, e tornando a cair em paço Infinito passe-lhe hum revez da sua direita para á esquerda.

E se nesta mesma execução que lhe passar o revez elle negar-lhe a Espada e botar-lhe hum talho pela quarta parte de fora, ataque ao braço em paço rutilino ao lado direito.

E cazo elle em logar de lhe botar o talho pela quarta parte de fora, cair na 1.ª parte de 7.ª negue-lhe a Espada e offereça lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, em paço Tripicante, e vindo com o pé esquerdo ao centro forme se no mesmo anglo.

Agudo.

Elle partindo com huma estocada de recto, meta-lhe a Espada em circulo, meta o curvo dentro vá pegal o, e elle manoblando lhe a Espada aos peitos, manoble tambem a Espada em paço retilino ao lado direito.

E se elle negar lhe a Espada e offerecer lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, reduza o pé esquerdo ao centro, e trouça a munheca de unhas á riba.

E se elle meter lhe a Espada em circulo, bote o pé direito á retaguarda, e espere-o de ponta, e offereça-lhe huma estocada á vista de unhas á riba em paço circular ao lado direito.

Agudo.

Tornando o contrario a partir com outra estocada de recto á vista, ou ás vrilhas, ataque de unhas a baixo em paço transversal ao lado esquerdo com a pontaria feita ao limite da do contrario.

Cazo o contrario lhe soite a Espada para o centro, ou lha transmonte pelo centro, tire mão dobra pela quarta parte de fora, puxando o pé direito á retaguarda; saia cortando de alto á baixo, em paço Tripicante; que vem a ser esses dois anglos, e hum quadrante.

Agudo.

O contrario tornando a partir com huma estocada transmonte-lhe a Espada pelo centro, meta o curvo dentro, e vá pegal-o, e negando-lhe a Espada e botando-lhe hum revez pelo pescoço, transmonte a Espada pelo violento, e puxando o Curvo fora, saia cortando de alto a baixo ficando logo formado.

Agudo.

Nesta forma tem lugar de executar todas as execuções, como bem se vê nas duas primeiras partes do 4.º apartamento, todas as partes de 8.º de 7.º as cujas não explico por já se terem visto no jogo de de Batalhão, como já se dice.



FORMA EM CENTRO.

Faz-se ver que nesta forma nella se execução todas as cinco classes de jogos, e todas as pontas e tempos que ha no jogo de Espada, tem lugar no transmontar pelo Centro e Violento; Soitar e Cortar, tanto pela quarta parte de dentro como pela de fora, executa nella as cem pontas principaes do jogo da Espada e todas as mais que das mesmas cem tem sido tiradas.

Centro.

O contrario partindo com huma estocada de recto a recto, verse o pé e offereça-lhe a Espada aos peitos.

Se elle lhe tresmontar a Espada pelo Centro tire mão dobra pela quarta parte de fora e saia cortando com hum revez da sua esquerda para á direita, paço transversal ao lado esquerdo.

Centro.

Elle partindo de recto verce o pé, e offereça-lhe a Espada aos peitos, e elle metendo-lhe a Espada em circulo e indo dentro pegal-o, negue-lhe a Espada e saia cortando de alto á baixo em paço circular ao seu lado direito.

Centro.

O Contrario partindo com outra estocada de recto a recto meta a Espada em circulo e caia em paço Tripicante de unhas á baixo e rapidamente caia em paço retilino ao lado esquerdo atacando de unhas á riba; que vem a ser hum quadrante.

Tambem tem lugar de meter a Espada em Circulo e cair em retilino ao lado esquerdo, e na mesma execução cair em paço Tripicante.

(44)

Centro.

O contrario partindo com outra estocada de recto, meta-lhe a Espada em circulo e caia em paço ritalino ao seu lado esquerdo, e tirando mão dobra pela quarta parte de fora, meta o curvo dentro e va pegal-o, cazo o não consiga saia cortando de alto a baixo.

Centro.

O contrario partindo com hum talho de alto á baixo, transmonte a espada para o seu lado esquerdo e saia cortando de alto a baixo em paço circular ao lado direito.

Centro.

Elle partindo com outro talho de alto a baixo torne a fazer a mesma execução, e se elle cair em 7.º tire mão dobra pela quarta parte de dentro, sendo esta pelo centro, e saia cortando centro, e saia cortando de alto a baixo por riba da cabeça do contrario, em paço transversal,

Centro.

Estando formado, e o contrario partindo com hum reyez puxado da sua direita para á esquerda execute a 1.ª parte de oitavo.

Elle negando-lhe a Espada e passando-lhe hum talho do centro para o violento, atalhe com o mesmo talho em paço versal ao lado esquerdo.

E se elle partir com hum talho de alto a baixo sendo o talho puchado da esquerda para á direita, saia cortando com outro talho pelo mesmo modo, que vem a ser cortar pelos mesmos fios.

Centro.

O contrario partindo com huma estocada de recto a recto meta a Espada em circulo, meta o curvo dentro e vá pegal-o, e elle acudindo sobre ella bote o pé direito á retaguarda e espere-o de ponta, se possivel for não firmar o pé, melhor, offereça-lhe huma estocada de unhas a baixo em paço infinito de augmento.

E se elle meter-lhe a Espada em circulo ou transmoutar-lha pelo centro, meter o curvo dentro e pegal-o, rapidamente leve o joelho direito em terra, e plantando a sua mão esquerda sobre a falha da sua mesma Espada offereça-lhe a estocada ao estomogo.

Pelo contrario cazo o contrario seja que execute a dita obra, tem dois modos por donde se defenda, que vem a ser, ou largar-lhe o arco da Espada e sahir cortando de alto a baixo, ou então levar o joelho direito em terra, ficando assim empatado com o contrario.

Sup. Discipulo adverte-se que estas tres ul

timas partes devem ser estudadas com muita atenção, segundo os merecimentos das mesmas obras.

FORMA NA SEPARAÇÃO.

Esta dita forma, he muito propria para assoitar para o centro; assoitar pela 4.ª parte de fora, e tresmontar pela quarta parte de dentro; motivos porque o contrario só tem lugar de partir com talho de traveça, ou estocadas.

Separação.

O contrario partindo com huma estocada de recto, pode assoitar-lhe a Espada para o centro e passar-lhe o 3.º diagonal, e se elle partir com huma estocada manoblada, manoble e saia verticando em paço rutilino ao lado direito, pode transmontar a Espada pelo centro, e meter o curvo dentro e ir pegar, puchar o curvo fora manoblar e sahir verticando, versar o pé e offerecer-lhe a Espada aos peitos, caso elle soite a Espada, tirar mão dobra pela quarta parte de fora e sahir cortando.

Separação.

Cazo as partidas do contrario sejam de talho, se elle partir com hum talho de revez ou diagonal,

tem logar de transmontar, e sair cortando, em paço ritilino ao lado direito.

Separação.

Se o contrario partir com hum revez da sua esquerda para a direita, caia em paço circular ao lado direito offerecendo-lhe hum revez ao braço.

Se elle negar a Espada e partir com hum talho de travessa pela 4.^{ta} parte de fora, soite a Espada pelo centro, e saia cortando de alto a baixo em paço transversal.

Separação.

O contrario partindo com hum talho de travessa sendo este puchado da sua esquerda para á direita, guarneca com a sua Espada o seu lado esquerdo, e recebendo a pancada rode com o pé esquerdo por detras do direito e passe-lhe o 1.^o diagonal.

E elle aparando o dito digonal, e trazendo-lhe a Espada em meio circulo, bote o pé direito a retaguarda e explante-se sobre o mesmo lado.

E estando assim, o contrario partindo com hum talho do centro para o violento, a talho com a mesma execução em paço circular ao lado di reito.

Elle partindo com hum talho do violento para o centro, sendo e-te tirado da esquerda

para a direita, deve atalhar com a mesma execução em paço transversal.

Separação.

Elle partindo com outro talho pelo violento da direita para a esquerda, execute a mesma execução em paço circular ao lado direito.

E trazendo a Espada á cinta, saia cortando do centro para o violento em paço transversal.

E elle partindo com alto a baixo transmonte e corte em paço circular ao lado direito.



FORMA EM EXPLANTE.

Estando formado, e o contrario transmontando-lhe a Espada da sua direita para a esquerda, circule o paço e saia cortando de alto a baixo explantando-se logo.

Explante.

O contrario tornando a assoitar-lhe a Espada de sua quarta parte de fora para a de dentro, tire mão dupla pela quarta parte de dentro e saia cortando de alto a baixo em paço transversal e explantando-se rapidamente.

Explante.

O Contrario transmontando-lhe a Espada pelo centro e indo dentro pegal-o, bote o pé direito á retaguarda e manoble a Espada aos peitos e saia cortando de alto a baixo, em paço explante.

Se o Contrario tornar a transmontar-lhe a Espada pelo centro, tire mão dobra pela 4.^a parte de fora, e ataque em paço Tripicante, e saia cortando de alto a baixo em paço explante.

Elle partindo com hum estocada de recto á vista, sendo esta dada pela sua quarta parte de fora, desligue a Espada, e offereça-lhe hum estocada a vista, de unhas á riba em paço recto de augmento, e trocando a munheca de unhas a baixo explante se.

O contrario partindo com hum revez puchado da sua direita para á esquerda, bote o pé direito á retaguarda e offereça-lhe hum talho ao braço, sendo este puchado da sua esquerda para á direita.

E estando assim, e o contrario partindo de recto pode varrer e cortar em paço circular ao lado direito; e no mesmo Anglo explantar-se.

O contrario transmontando lhe a Espada pelo centro e hindo dentro pegal-o explante-se para á direita, esperando sobre a testa.

Elle partindo com alto a baixo, meta o pé direito dentro e ataque de unhas á riba em paço infinito de augmento.

E elle forcejando sobre a Espada puche o pé

direito á retaguarda e espere-o de ponta na testa.

E estando assim, tem lugar de executar toda a 1.ª parte de corte de rua, e no ultimo talho da mesma parte explantar-se.

E o contrario soitando a Espada para o centro, tire mão dobra pela quarta parte de fora manoble-lhe a Espada aos peitos.

E se elle desligar a Espada e botar-lhe hum alto a baixo pela sua quarta parte de dentro, esplante-se para á retaguarda esperando o talho de unhas a riba.

E elle soitando-lhe a espada para o centro e indo dentro pegal-o, caia em paço ritilino ao lado direito e manoble-lhe a Espada aos peitos, e se elle negar a Espada, e botar-lhe hum talho pela quarta parte de dentro, negue-lhe a Espada e passe hum reves da sua direita para á esquerda em paço explante.

O contrario assoitando-lhe a Espada para o centro meta o curvo dentro e vá pegal-o e não o conseguindo saia cortando de alto a baixo em paço explante.

O contrario assoitando-lhe a Espada para o centro e hindo dentro pegal o, bote o pé direito á retaguarda, e manoble a Espada aos peitos, bote-lhe hum talho pelo pescoço e saia cortando de alto á baixo paço circular ao lado direito.

Adeverte-se que esta forma a maior parte das execuções della são feitas em hum quadrante, firmado em explante; consiste de bom anglo e forças, para se puder executar.

FORMA EM EXPLANTE PARA O LADO DIREITO.

Esta forma he mais superior do que todas as outras, motivo de trazer sempre o corpo em discaço e qualquer execução que faça estando nella formado, por pequeno que queira fazer o paço, sempre he mais avantajado do que nas outras.

Nella trabalha-se em cima das nove linhas, dá lugar a executar o paço circular, executando-se este em riba das tres linhas circular, sobre circular e simicircular, feito o paço com hum só anglo.

Todos os talhos e estocadas que der por muito brando que as atire, vem a ser dadas com mais força do que dando-os nas outras posições, pela grande vantagem que tem neste anglo.

Explante para á direita.

O contrario partindo com hum estocada de recto a recto, sendo esta dado ao seu lado esquerdo que he o que está em frente, transmonte a Espada pelo centro em paço infinito de augmento, e saia cortando de alto a baixo em paço transversal, que he hum quadrante.

Explante para a direita.

O Contrario tornando a partir com outra

estocada de recto, transmonte-lhe a Espada pelo centro em paço infinito de augmento, tirando mão dobra pela quarta parte de fora e cruze a Espada por riba da do contrario de unhas a baixo em paço Tripicante.

E se elle negar-lhe a Espada, e botar-lhe hum alto a baixo, caia em paço versal ao lado esquerdo e ataque de unhas á riba, e elle assoitando-lhe a espada para o centro explante-se para á direita.

Estando assim o contrario partindo com outra estocada de recto, meta-lhe a Espada em circulo com paço infinito de augmento e vá pegal-o, e elle negando a Espada e offerecendo lhe huma estocada pela quarta parte de dentro, transmonte a Espada pelo centro, e ataque em paço rítilino, do lado direito de unhas a baixo.

Explante

O contrario partindo com outra estocada de recto destrua a Espada para o violento e passe o primeiro diagonal, cortando da direita para á esquerda, e saia cortando com hum revez da esquerda para á direita, em paço circular, e deve ser feito em cima da linha sobrecircular.

Explante

O contrario partindo com outra estocada de

recto varra e saia cortando em paço circular ao lado direito, e he feito em cima da linha simi-circular, varrer estando em frente do contrario, e com hum só anglo cortal-o pela retaguarda.

Explante

E o contrario partindo com outra estocada de recto assoite a Espada para o centro e passe 3.º diagonal, e saia cortando com hum revez da direita para á esquerda, paço circular ao lado direito.

Explante

Estando assim e o contrario partindo com huma estocada manoblada aos peitos, manoble e passe 1.º diagonal em paço ritalino ao lado direito, e versal ao lado esquerdo.

Explante

O contrario partindo com huma estocada manoblada aos peitos, transmonte-lhe a Espada pelo centro e corte de alto a baixo paço ritalino ao lado esquerdo.

Explante

O contrario partindo com huma estocada por entre linhas de unhas a baixo, transmonte do centro para o violento, e corte com hum diagonal da

esquerda para á direita do contrario em paço circular ao lado direito.

Explante

O contrario partindo com outra estocada por entre linhas, ataque tambem por entre linhas de unhas a baixo, paço retilino ao lado direito e elle negando a Espada e botando hum alto a baixo, passe-lhe hum revez ao braço, explantando-se para á direita.

Explante

O contrario partindo com hum talho de alto á baixo meta o pé direito dentro e ataque de unhas áriba em paço infinito de augmento, e se elle fizer força sobre a sua Espada, explante-se para á direita.

Explante

Estando assim e o contrario partindo com hum alto a baixo, caia em paço versal ao lado esquerdo e ofreça-lhe hum revez a o braço, sendo este puchado da direita para á esquerda, e tirando mão dupla pela quarta parte de dentro corte com outro revez, tirado este da esquerda, para á direita paço Tripicante.

Explante

O contrario partindo com outro alto á baixo,

transmonte a Espada pelo violento em paço circular, e corte com o 1.º diagonal em paço versal ao lado esquerdo, que vem a ser hum quadrante.

Explante.

Elle partindo com hum revez puchado da sua esquerda para á direita, bote o pé esquerdo para a direita e saia cortando pelos mesmos fios.

Pode tambem nesta mesma forma executar as mais execuções de 1.º 2.º 3.º 4.º 5.º e 8.º apartamentos.



FORMA EM RIMIÇA.

Esta, consiste em descørrer todo o jogo de Batalhão tanto de Mestre como de discipulo, e por não estar a descrever outra vez o mesmo jogo por julgar desnecessario, pois que qualquer tendo alguma duvida, a pode desfazer recorrendo ao dito jogo de Batalhão, e só escrevo algumas pontas escondidas que alli se não achão.

Rimiça aberta.

O contrario partindo com huma estocada de recto, transmonte-lhe a Espada pelo centro e saia cortando de alto a baixo em paço versal ao seu lado esquerdo.

Na mesma execução pode transmontar pelo centro e ficar formado em remiça, adverte-se que este 2.º tempo he formado em hum concavo, que vem a ser tirar o pé direito do limite em que está, e trazendo o pé e a Espada em hum circulo pelo centro, e ficar firme no mesmo limite.

Elle partindo com outra estocada de recto, meta a Espada em circulo e vá pegal-o, e não o conseguindo, transmonte a Espada pelo centro e caia em paço retilino ao lado direito.

Estando assim de Remiça aberta, e o contrario caindo em riba della, negue a Espada pela sua 4.ª parte de dentro paço retilino ao lado esquerdo passando-lhe hum talho pela 4.ª parte de fora, e se o contrario acudir sobre o talho negue a Espada e bote-lhe hum talho de alto a baixo.

E se elle aparar o talho de unhas a riba faça-lhe força sobre a Espada, e vá dentro pegal-o e elle puchando o pé direito fora a esperando-o de ponta.

FORMA DE CENTRO EM RITILINO,

O contrario partindo com huma estocada de recto, circule e fique em obtuzo em paço versal ao lado esquerdo e ataque por entre linhas de unhas a baixo em paço tripidante.

E o contrario negando a Espada e partindo com a 1.ª execução de corte de rua, ataque com

o mesmo golpe em paço versal ao lado esquerdo, ficando assim formado na mesma forma.

Elle partindo com hum estocada de recto, caia em paço versal ao lado esquerdo, e offereça-lhe a Espada aos peitos, e cazo o contrario lhe transmonte a Espada pelo centro e vá dentro pegal-o, manoble lhe a Espada aos peito em paço rutilino ao lado direito, e saia cortando de alto a baixo com paço versal ao lado esquerdo.

Centro em rutilino.

Estando assim pode varrer e cortar assoitar e sair cortando, aparar em cruz e cortar em paço rutilino ao lado direito, pode executar todas as tres partes de 8. ° he muito proprio para transmontar pelo centro, e violento, e finalmente executar todas as obras do 4. ° apartamento.



FORMA DE CENTRO EM TRIPIDANTE.

Esta forma he muito propria para se executar nella as execuções de 7. ° 8. ° 9. ° 11. ° e 12. °

Estando formado e o contrario partindo com hum talho pela sua quarta parte de fora guarneça com a Espada ao seu lado direito, paço versal ao seu lado esquerdo, e offereça-lhe hum estocada em paço recto de augmento de unhas a baixo.

Centro em Tripicante.

O contrario partindo com hum talho pela quarta parte de fora, ataque em 7.º reparo, mettendo o curvo dentro e vá pegal-o, e não o conseguindo puche o curvo fora e trasendo-lhe a Espada em meio circulo caia em paço Tripicante de unhas a baixo.

Centro em T....

Se elle tornar a partir com outro talho pela quarta parte de fora ataque em 7.º reparo, meta o curvo dentro e vá pegal-o e o contrario negando a Espada e botando lhe hum talho da sua esquerda para a direita, rapidamente puche o curvo fora e passe-lhe 4.º diagonal.

Centro em T.....

O contrario partindo com alto a baixo ou revez, execute a 1.ª parte de 8.º paço versal ao lado esquerdo.

Centro em T....

Se elle partir com hum revez da sua 4.ª parte de dentro para a de fora verse o pé, e ofereça-lhe hum talho ao braço, e elle negando a Espada e botando-lhe hum talho pela sua 4.ª parte de fora caia em 7.ª meta o curvo dentro e vá pegal-o.

Centro em T

O contrario partindo com outro talho de alto a baixo caia em paço versal ao seu lado direito e passe-lhe hum talho ao braço sendo este dado pelos mesmos fios.

Centro em T

O contrario partindo com huma estocada de recto a recto meta lhe a Espada em circulo, em paço versal ao lado esquerdo, e rapidamente passe-lhe hum talho de revez e saia cortando de alto a baixo em paço circular ao lado direito.

Centro em T

Estando assim e o contrario partindo com outra estocada de recto transmonte a Espada pelo centro meta o curvo dentro e vá pegal-o, e se elle negar bote lhe hum talho pelo pescoço transmonte e saia cortando puxando o curvo fora.

Centro em T

O contrario partindo com hum talho de alto a baixo ataque de unhas á riba em paço infinito de augmento, elle fazendo força sobre a Espada e indo dentro pegal-o caia em paço Tripicante e manoble-lhe a Espada aos peitos, e se elle partir com huma

estocada pela 4.ª parte de dentro verse o pé e ataque de unhas á riba e rapidamente metendo-lhe a Espada em circulo e caia em paço tripidante ficando assim formado em centro.

Centro em T....

O contrario partindo com huma estocada pela 4.ª parte de dentro, ataque a vista de unhas á riba em paço versal ao lado esquerdo trocando a munheca de unhas a baixo offereça huma estocada á vista de unhas a baixo em paço transversal, firi-o ou não forme-se em centro.

Centro T....

Estando assim e o contrario partindo com huma estocada a vista de unhas a baixo, ataque tambem á vista de unhas a baixo em paço transversal, e desligando a Espada pela 4.ª parte de dentro offereça-lhe tambem huma estocada a vista de unhas a riba em paço circular e rapidamente caia em

Centro T...

E o contrario partindo com hum talho por debaixo das armas sendo dado dos pés para a cabeça verse o pé e atalhe o talho com a mesma execução e se elle partir com talho de alto a baixo, transmonte e saia cortando em paço circular ao

seu lado direito executada que seja esta obra pode trazer a Espada a cinta logar donde ella se carrega, quer dizer com isto que quando o homem acaba da batalha he onde recolhe a sua Espada assim como tendo-se descornado no jogo de formas e nos mais outros todas as pontas quantas o auctor tem descoberto, por isso veio acabar pela primeira forma que principiou.

S. D.

Quatro cousas são muito necessarias para o homem ser perfeito nesta Arthe. Que vem a ser Animo, Sustancia, Ligeireza, e Sabedoria.

*Quatro Men do combuinto.
Theorico e pratico desta
arte e qualidades ainda
são necessaria p.^a que o homem
seja n'ella perfeito: ^{prudencia} Coragem
força e destreza.*

(10)

Prudência, coragem, força
e destreza são qualidades
indispensáveis p.^a que
o homem seja perfeito
nesta arte

(10)

Prudência, coragem, força
e destreza são qualidades
indispensáveis p.^a que
o homem seja perfeito
nesta arte

Emendas
diga - re
Explante
Rectilíneo
Trepicante

